



Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

Milena Alves de Souza

“Eram como homens, se bem fossem crianças...”: a infância abandonada em *Capitães da Areia* (1920-1939)

Uberlândia

2022

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

Milena Alves de Souza

“Eram como homens, se bem fossem crianças...”: a infância abandonada em *Capitães da Areia* (1920-1939)

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de bacharelado e licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Daniela Magalhães da Silveira.

Uberlândia

2022

SOUZA, Milena Alves de. “Eram como homens, se bem fossem crianças...”: a infância abandonada em *Capitães da Areia* (1920-1939) – Uberlândia, 2022.

Orientação: Prof^a Dr^a Daniela Magalhães da Silveira

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia.

Palavras-chave: Literatura; *Capitães da Areia*; Infância; Jorge Amado;

MILENA ALVES DE SOUZA

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Daniela Magalhães da Silveira (Orientadora)

Profª Drª Ana Flávia Cernic Ramos
Universidade Federal de Uberlândia

Profª Me. Maria Luzia Alves Brito
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia

2022

AGRADECIMENTOS:

Apesar de ter criado gosto pela escrita, acredito que uma das minhas maiores dificuldades seja demonstrar gratificações de maneira clara, por não saber como colocá-los em palavras da melhor maneira. Porém, este trabalho só foi possível pois pessoas incríveis estiveram envolvidas na minha trajetória acadêmica. Reservo este espaço para tecer meus agradecimentos a todos que estiveram envolvidos, diretamente ou não, na minha trajetória de pesquisa em História. Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado forças para não desistir dos meus objetivos e por ter colocado pessoas maravilhosas no meu caminho. Agradeço aos meus pais, Regina Correia Alves e Roney Marques Souza, que me deram o apoio nas minhas escolhas e confiaram no meu potencial, mesmo sem terem tido contato com a universidade federal e eu os ter dado certeza sobre os caminhos possíveis que eu poderia seguir no meu futuro.

Agradeço a minha amiga Luiza Moreira Flora Barbosa por achar incrível o mais simples sobre o que eu disser para ela a respeito da pesquisa em História e a minha amiga Luiza Anselmo por ter me encorajado a ingressar na UFU. Agradeço à minha primeira parceira e amiga de graduação, Ana Clara Buso Santos, que dividiu comigo os anseios e alegrias que incluem estar envolvido com a pesquisa acadêmica. Agradeço aos meus colegas de curso Hellen Morizza de Amorim Carvalho e Ian Gomes Martins, que me apoiaram em um período difícil de retorno às aulas presenciais após um árduo momento de isolamento social devido à pandemia do Coronavírus. Agradeço ao meu namorado Milton Henrique Freitas Moreira, que sempre apoiou meus estudos e foi quem me presenteou com a edição da Companhia de Bolso do livro *Capitães da Areia*, fonte desta pesquisa que apareceu na minha vida como uma leitura de férias, em um primeiro momento, mas que me inspirou a encontrar a temática desta Monografia. Agradeço também à minha psicóloga Priscilla Faria que tem me ajudado a lidar com meu diagnóstico de déficit de atenção, que descobri em um dos momentos mais difíceis da minha vida.

Agradeço a minha orientadora Daniela Magalhães da Silveira por acreditar no meu potencial, mesmo quando eu ainda estava no quinto período do curso e sem ter certeza quais eram meus objetivos como futura historiadora. Levo em consideração que assim como todo aluno da graduação, carrego histórias da minha relação com a vida estudantil, e minha história envolve aceitação de rótulos que me colocaram em um lugar de descrédito, que foram

obstáculos para que eu acreditasse na minha capacidade de escrever e de produzir algum tipo de conhecimento. Foi a partir da abertura da professora Daniela, a primeira docente que de fato acreditou no meu potencial e que se dispôs a me ajudar com minhas dificuldades de escrita, que eu descobri a melhor parte do ofício de um historiador, a pesquisa.

Agradeço a todos os docentes do Instituto de História que me inspiraram a seguir a carreira de futura professora-pesquisadora de História e dar a chance para outros alunos a acreditarem na sua própria capacidade. Agradeço especialmente as mulheres do corpo docente do instituto que marcaram minha formação, especialmente as professoras que tive contato com o Estágio Supervisionado: Iara Toscano Correia e Ivete Batista da Silva Almeida. Por fim, agradeço ao CNPq, que possibilitou, a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, que eu tivesse a oportunidade e apoio para me dedicar à pesquisa que inspirou este texto monográfico.

RESUMO:

Este trabalho trata de uma discussão a respeito da obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado, tendo como foco a temática da infância abandonada no enredo. A motivação da escolha da temática está na forma como Jorge Amado caracteriza a infância a partir das suas personagens do grupo de menores chamados de Capitães da Areia. A pesquisa leva em consideração o período de publicação da obra, a década de 1930, bem como o contexto em que se passa o romance, a década de 1920. Trata-se de um estudo que se utiliza da literatura e da Imprensa como fonte para compreender a recepção do livro e a forma como sujeitos-crianças apareciam nos jornais. A partir da obra *Capitães da Areia*, a pesquisa explora temas que perpassam pela caracterização da infância no livro, que envolvem classe, raça, gênero e história do trabalho. Portanto, este trabalho leva em consideração questões envolvidas no cotidiano social das décadas de 1920 e 1930, que são possíveis de serem pensadas a partir da análise da construção das personagens de *Capitães da Areia*, compreendendo isso e atentando também para o envolvimento de Jorge Amado com a sociedade brasileira da década de 1930.

Palavras-chave: Literatura; *Capitães da Areia*; Infância; Jorge Amado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – Entre Literatura e Imprensa: A recepção de <i>Capitães da Areia</i> e a questão da infância (1930-1939).....	14
1.1 – Jorge Amado e <i>Capitães da Areia</i> : caminhos de análise	14
1.2 – <i>Capitães da Areia</i> e Jorge Amado na Imprensa da década de 1930	21
1.3 – Entre textos jornalísticos e embates de posicionamentos	26
CAPÍTULO II – O processo histórico da caracterização da infância no Brasil.....	31
2.1 – A concepção sobre a infância: políticas de controle e resistência.....	31
2.2 – Os “pivettes” nas páginas da Imprensa	42
CAPÍTULO III – A temática da infância em <i>Capitães da Areia</i>	49
3.1 – Quem são os Capitães da Areia? Meninos ou homens?.....	49
3.2 – A mulher moderna e a maternidade modeladora da infância.....	63
3.3 – A transformação da infância a favor da luta contra a hierarquia de classe	71
Considerações Finais	86
FONTES:.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	90

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma trajetória de pesquisa sobre a caracterização da infância abandonada na obra *Capitães da Areia* (publicada em setembro de 1937) de Jorge Leal Amado de Faria, filho de fazendeiro de cacau, nascido em 10 de agosto de 1912, no município de Itabuna, na Bahia. Meu objetivo central é refletir sobre o cotidiano social envolvido no romance. A temática principal do livro é a desigualdade de classes, que aparece ao longo da narrativa, a partir da problemática da infância abandonada presente nas personagens do grupo dos Capitães da Areia, menores que sobreviviam de atividades criminosas na cidade de Salvador, na Bahia. Inicialmente, a pretensão deste trabalho é pensar em menores como sujeitos históricos e compreender como, e, porque Jorge Amado mobiliza a temática da infância para construir um enredo que sugere ao leitor a necessidade da luta proletária, considerando o caráter militante da obra e do próprio autor.

É necessário, assim, expor uma síntese do romance, para situar o que inspira a escolha da temática deste trabalho. *Capitães da Areia* inicia seu enredo com notícias de jornal, expondo os atos criminosos de um grupo de aproximadamente cem crianças, de oito a quatorze anos, abandonadas e que viviam de furtos, sendo lideradas pelo menor Pedro Bala. Mais de quarenta dessas crianças dormiam em um trapiche abandonado, localizado em Salvador. Ao longo do livro é apresentada a história de Pedro Bala, Sem Pernas, João Grande, Zé Fuinha, Barandão, Boa-Vida, Almiro, Professor, Volta Seca, Gato, Dora e Pirulito. São estas as personagens do grupo dos Capitães da Areia mais citados na obra, sendo contada a história de cada um deles de maneira individual, porém, partilham de uma condição em comum: o abandono e a miséria.

A obra se desenrola a partir da trajetória de cada uma das personagens. Pedro Bala descobre que seu falecido pai foi um grevista, e, desde então, Pedro passa por um processo de conscientização e torna-se também um líder reconhecido da classe operária ao final do enredo. Até os destinos de cada criança do grupo aparecer no romance, os Capitães da Areia são visados pelas autoridades policiais, realizam aventuras criminosas e há também aqueles que são internados no lazareto, ao contrair varíola. Pedro Bala passa pelo reformatório, enquanto Dora, a única menina do grupo que aparece no meio do enredo, é destinada ao orfanato. Nesse trajeto, os Capitães da Areia envolvem-se em fugas (da prisão, do reformatório e do orfanato), elaboram seus furtos, e, conforme esses acontecimentos avançam, o fictício “Jornal da Tarde” narra,

através de notícias e cartas à redação, quais foram os passos dos Capitães da Areia. Esse periódico abre espaço para opiniões de diferentes setores da sociedade sobre o que deve ou não ser feito com eles.

Portanto, é justamente a questão de “o que deve ser feito” que chama atenção em um primeiro momento para a presente pesquisa. É perceptível a existência da temática da infância, primeiramente, no sentido crítico. Quanto à solução para a infância abandonada, Jorge Amado não aposta no posicionamento do juiz de menores, nem no da igreja. Nomeamos de “abandono” a situação de desamparo a menores que viviam sem figuras maternas e/ou paternas, ou sem adultos responsabilizados a cuidá-los, bem como sem o amparo devido do próprio Estado, que apresentava medidas repressoras aos Capitães da Areia. Ao longo da obra, os meninos do grupo contam com redes de apoio entre si, mas também são amparados por personagens como o capoeirista Querido-de-Deus, o doqueiro João de Adão, a mãe de santo Don’ Aninha e o padre sem paróquia (José Pedro), justamente aqueles adultos que estavam às margens da hierarquia social.

Para além da temática do abandono e da orfandade no romance, é possível perceber um cotidiano que envolve pessoas diversas, com diferentes cores, profissões e lugares sociais. No dia a dia dos Capitães da Areia, Amado apresenta elementos de uma cultura afro-brasileira e do cristianismo em conexão entre si, havendo o intercâmbio entre esses elementos nas suas personagens e na própria forma que o autor descreve a cidade de Salvador. A obra possuiu uma narrativa em que são contadas as histórias de cada um dos menores de forma espaçada, as razões para sua fuga, a história de como alguns perderam os seus pais, como entraram no bando dos Capitães da Areia e o que está envolvido na escolha de cada um deles de tornar-se parte do grupo, além das suas relações de conflito com outros grupos de meninos abandonados.

A criminalidade, a violência policial e o olhar adulto sobre esses meninos e meninas aparecem ao longo do enredo em forma de denúncia, Amado apresenta esses elementos relacionando-os à desigualdade de classe. Porém, o que nos interessa no presente trabalho é entender, para além da denúncia social feita pelo autor contra a hierarquia de classe, como ele mobiliza a contradição presente no título deste trabalho: “Eram como homens, se bem fossem crianças...”. A frase é dita, de diferentes formas, mais de uma vez ao longo do enredo e envolve uma das inúmeras contradições de ideias ao longo do romance. A citação deste título corresponde à fala do padre José Pedro, quando este personagem se pergunta como deve tratar

os Capitães da Areia, pensando em como ajudá-los e confrontando a visão de seu cônego, que não concordava em tratá-los como crianças.

Ao escolher a literatura como fonte histórica, consideramos que ela não é representação da realidade, porém, possibilita ao historiador o olhar crítico sobre a história do cotidiano. Segundo Antonio Candido, a arte, incluindo a literatura, é social em dois sentidos: ela depende da ação de fatores do meio e modifica a concepção do mundo do indivíduo que a lê¹. A escolha da fonte e do tema deste trabalho é baseada justamente no fato de que a literatura de Jorge Amado possui traços do seu tempo, influência dos fatores do meio e interferência da própria subjetividade do autor como sujeito histórico.

Pretendemos historicizar a obra literária, levando em consideração o significado dessa proposta pela História Social, apresentada no livro *A História Contada*, organizado pelos historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo A. de Miranda Pereira. No tópico “Apresentação” do referido livro, é argumentado que, historicizar a obra literária é a forma de inseri-la no movimento da sociedade, ou seja, investigar as suas redes de interlocução social e de que maneira a obra constrói ou representa a sua relação com a realidade social². Além disso, é importante ressaltar que, mesmo que Jorge Amado tenha sido um nome relevante e consagrado na literatura, não é esse fator que guia a importância de estudar *Capitães da Areia*. Ademais, a escolha desta obra como fonte histórica também não é motivada pelos padrões estéticos em que ela foi rotulada e pensada como realista, por exemplo.

Portanto, o foco deste trabalho não é pensar no grau de realismo da obra, nem entendê-la como espelho da realidade. A palavra “espelho” se torna uma problemática para Peter Gay, que, apesar de utilizar o termo, afirma que o romance é um espelho erguido ao mundo, mas que fornece reflexos muitos imperfeitos, um espelho que distorce³. Ao mesmo tempo, o autor afirma que não há regra geral para determinar até que ponto as passagens fictícias são reconstruções legítimas ou fantasia pura⁵. Concordando com essa afirmação, não pretendemos fazer esse termômetro da realidade sobre o romance estudado. Dessa forma, é preciso entender a potencialidade de *Capitães da Areia* como fonte histórica, pensando nos sujeitos-crianças da

¹ CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, pp. 29

² CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (ORGS). **A História Contada**. Capítulos da História Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, pp. 7

³ GAY, Peter. **Represálias selvagens: realidade e ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**. Tradução de Rousara Eichenberg, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 18 ⁵ Ibidem, pp. 21

obra, levando em consideração o que Antonio Candido defende no capítulo “A personagem do romance”, do livro *A Personagem da ficção*, mostrando que o romance se baseia num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem.⁴ Assim, pretendemos entender o aspecto histórico de como essas personagens são caracterizadas, levando em consideração a questão de classe, raça e gênero que permeiam a história. Portanto, trata-se de uma tentativa de responder de que maneira Jorge Amado manipula a realidade para construir a ficção.

Considerando essas perspectivas de trabalho para com a história e a literatura, esta Monografia foi dividida pensando nos sujeitos envolvidos numa obra literária para se chegar na temática infância abandonada em *Capitães da Areia*. O Capítulo I, intitulado “Entre Literatura e Imprensa: A recepção de *Capitães da Areia* e a questão da infância (1930-1939)” inicia-se com a tentativa de entender o que foi estudado sobre a obra e Jorge Amado nos últimos anos. Procuramos compreender, a partir da Imprensa como fonte histórica, como o escritor e o livro foram recebidos no período de publicação do romance. Há uma forte ligação entre o jornalismo e Jorge Amado, tendo ele se envolvido em diversos cargos da Imprensa brasileira, além disso, seu livro está recheado de interação entre sujeitos sociais e Imprensa. A escolha dessa fonte leva em consideração que, segundo Antonio Candido, o público dá sentido e realidade à obra⁵, dessa forma, a Imprensa foi importante para pensar o que era publicado e quais as reações sobre Jorge Amado e *Capitães da Areia* na década de publicação deste romance. Isso nos ajuda também a entender o que a Imprensa publicava sobre questões presentes na obra, abrindo leques de análise.

O Capítulo II, intitulado “O processo histórico da caracterização da infância no Brasil”, apresenta tanto a historicidade do próprio conceito de infância, pensando a história da infância no mundo desde os seus primórdios, até a história da infância no Brasil. Este capítulo também trás a Imprensa como fonte histórica para entendermos escolhas de Jorge Amado ao caracterizar a infância. O Capítulo III: “A temática da infância em *Capitães da Areia*”, engloba três tópicos que correspondem às grandes três temáticas que nos ajudam a pensar o aspecto histórico das escolhas da caracterização da infância no livro. Primeiramente, foi feito um recorte sobre as

⁴ CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: A personagem de ficção. 6 ed. São Paulo: perspectiva, 1999, pp. 40

⁵ CANDIDO, Antonio. **A literatura e a vida social**. In: Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

personagens do livro, apresentando suas características, pensando em como a questão da infância aparece em cada um. Desse capítulo nasce a escolha do trecho do livro mencionado no título, ou seja, a contradição presente em toda obra sobre o caráter infantil e adulto dos Capitães da Areia. Em seguida, dando continuidade à reflexão sobre a infância, dedicamos o segundo tópico do capítulo para entender a relação entre gênero, maternidade e infância no romance. Em um terceiro tópico do capítulo foi possível pensar na relação entre a temática proletária e a infância abandonada.

CAPÍTULO I – Entre Literatura e Imprensa: A recepção de *Capitães da Areia* e a questão da infância (1930-1939).

1.1 – Jorge Amado e *Capitães da Areia*: caminhos de análise

O presente texto tem como temática o cotidiano dos meninos e meninas que viviam nas ruas durante a década de 1930, a partir da análise do livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado e de jornais e revistas do período. Para isso, primeiramente foi necessário realizar um estudo introdutório sobre a recepção do romance na Imprensa e o olhar dos jornalistas sobre o próprio Jorge Amado. A partir da utilização dos periódicos como fonte histórica, foi possível pensar aspectos do romance e do autor para aprofundar a questão das crianças em situação de abandono. A escolha dessa fonte está relacionada com a própria menção ao jornalismo ao longo do romance e também com a trajetória de Jorge Amado e sua participação no meio jornalístico.

Portanto, neste capítulo é mostrado o resultado da análise de notícias sobre Jorge Amado no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e de notícias sobre *Capitães da Areia* em diferentes jornais e revistas do Brasil, tendo a década de trinta como recorte temporal. Essa divisão analítica das fontes ocorre devido ao fato de haver muitas notícias sobre Jorge Amado em comparação com a quantidade de notícias sobre *Capitães da Areia*. Além disso, o *Correio da Manhã* foi um jornal popular, de grande circulação, sendo uma fonte relevante para entender como as informações chegam a pessoas no dia a dia e qual mensagem se tentava passar para seus leitores. Entretanto, antes de adentrar às fontes, é preciso entender o que foi produzido sobre Jorge Amado e sua literatura, especialmente *Capitães da Areia* e o que foi estudado sobre suas personagens, crianças que viviam nas ruas de Salvador, sobrevivendo de roubos e assaltos. Jorge Amado é um autor amplamente estudado⁶, principalmente pela sua relevância na Literatura desde a década de 1930. Nas inúmeras pesquisas feitas sobre o escritor, a maioria não deixa de destacar a sua trajetória, tão marcante tanto no meio literário quanto na ação política. Um desses estudos é a dissertação de mestrado de Ana Paula Palamartchuk, intitulada *Ser intelectual comunista... escritores brasileiros e o comunismo*. A autora dedica seu terceiro

⁶ Quantitativamente, há muitos estudos sobre o autor de *Capitães da Areia*, sendo que a maioria deles foca na vida do autor, havendo muitas produções sobre a importância de Jorge Amado na militância comunista na década de 1930. Entretanto, não há tantos trabalhos que analisam a fundo *Capitães da Areia* pela temática da infância abandonada.

capítulo, “Jorge Amado nos anos trinta - Da simpatia à militância comunista”⁷, para analisar como a militância comunista de Amado está presente nas histórias das obras *O País do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937).

Jorge Amado foi por muito tempo conhecido como “romancista de putas e vagabundos”, tendo inclusive ele mesmo se apropriado dessa definição, se afirmando como um escritor popular, no sentido de opção política-literária dele próprio⁸. Era visto, na década de 1930, como “intelectual comunista”. Não é possível separar esse aspecto da vida do autor de suas obras, nem mesmo a sua rede de relações que possuía no meio literário⁹. Na escrita de *O País do Carnaval*, o autor expressa sua opinião sobre os literatos do período, indicando críticas a eles. Tal escrita é fruto, justamente, da integração de Amado na luta de diversos grupos de intelectuais. Dessa forma, ele aparentemente dialoga com uma das vertentes dos chamados “modernistas”. No entanto, estes não ficam isentos das críticas do escritor, que por vezes os consideravam “falsos intelectuais”. Além disso, nos anos noventa, Amado define seu romance *Suor* (1934) como “realista”. Essa definição rompia com os acadêmicos e com os modernistas¹⁰, assim, não há como encaixar o autor em uma vertente literária rígida.

Palamartchuk exemplifica bem a relação de Jorge Amado com o círculo literário do Rio de Janeiro: o primo de Jorge Amado, Gilson Amado, fazia parte do Centro de Estudos Jurídicos e Sociais, esse centro era presidido por Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), um importante crítico literário da época, muito conhecido do editor Augusto Frederico Schmidt. Segundo Amado, Otávio de Faria apresentou a Schmidt o romance *O país do carnaval* (considerado o primeiro romance de Jorge Amado). Também há afirmações de que a escritora Rachel de Queiroz levou o romance de Jorge Amado a Schmidt. Além disso, temos que evidenciar qual a relação do romancista com o comunismo no Brasil. Após ingressar no Curso de Direito em 1931, entra para a juventude comunista. O autor relata que seu ingresso no PCB (Partido Comunista Brasileiro) foi também por meio de Rachel de Queiroz¹¹. Isso nos mostra a grande rede de relações que o autor construiu com outros escritores e artistas do período. Ou

⁷ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista...** escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997.

⁸ *Ibidem*, pp. 109

⁹ *Ibidem*, pp. 113

¹⁰ *Ibidem*, pp. 122

¹¹ *Ibidem*, pp. 116

seja, um caminho para percebermos como Jorge Amado e outros intelectuais não escrevem de forma isolada, portanto, o estigma de “estar à frente do seu tempo” não se aplica em uma análise histórica. Dessa forma, devemos considerar a existência de trocas e embates de ideias em circulação na história da Literatura.

A respeito das suas obras, inicialmente dividem-se em dois momentos. No primeiro, adota uma crítica social e/ ou um realismo como instrumentos narrativos. Em um segundo momento, em uma perspectiva comunista, seus romances focam em transformar a realidade¹². Nesta fase está inserido *Capitães da Areia*, entre outros romances com enredos imbricados entre si. Nestes há a construção de um tipo ideal mais acabado de trabalhador consciente, conceito muito próximo daquele imaginado pelos comunistas¹³. Jorge Amado dialoga com as noções de “povo” e de “trabalhador” defendidas pelo PCB¹⁴, de que eles não teriam a consciência necessária por si próprios para operarem a transformação¹⁵. Nesse sentido, o autor não rompe totalmente com a visão civilizadora e missionária presente no pensamento de muitos intelectuais do período¹⁶.

Em sua análise do romance *Capitães da Areia*, além de explicitar traços da militância amadiana no enredo, Palamartchuk mostra como a questão da inocência infantil representa um contraponto construído pelo autor. Ou seja, Jorge Amado denuncia a situação daqueles meninos, tentando retomar a própria humanidade deles. Contrapõe essa questão com a imposição das condições sociais que empurram meninos para as ruas e para os assaltos¹⁷. Quanto aos traços da luta proletária, no enredo de *Capitães da Areia*, há um momento em que os organizadores da greve pedem ajuda aos Capitães da Areia, sendo o personagem Pedro Bala narrado como detentor de uma “vocação natural para a greve”. Assim, ele consegue se libertar das contingências sociais, deixa de ser capitão da areia e se torna um “líder da sua classe”, o que deixa em aberto uma possível transformação social¹⁸.

¹² PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista...** escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 140

¹³ Ibidem, pp. 124

¹⁴ Segundo Palamartchuk, na vanguarda da classe operária para o PCB, há a defesa de que a classe trabalhadora possui os segredos de libertação do povo, mas isso ocorreria quando guiada por uma corrente marxista ligada à Internacional Comunista.

¹⁵ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista...** escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 133

¹⁶ Ibidem, pp. 123

¹⁷ Ibidem, p. 133-134

¹⁸ Ibidem, pp. 136

Outro ponto importante em Jorge Amado, destacado pela autora, diz respeito à questão da escravidão. O escritor criticava uma memória da escravidão, pois, para ele, o problema não era entre negros e brancos, mas exploradores e explorados¹⁹. Então, apesar de *Capitães da Areia* trazer uma problematização de classe, não há como afirmar que o romance parte de uma problematização do racismo, apesar de apresentar um caráter crítico sobre a desigualdade social e alertar o leitor sobre a necessidade de transformação social. Portanto, segundo Palamartchuk, Jorge Amado transforma a questão racial em luta de classe²⁰. Este ponto não pode ser ignorado, pois priorizar a luta de classe em detrimento da questão racial significa ofuscar a própria história da escravidão no Brasil e da resistência constante de mulheres e homens negros contra o racismo.

Um outro estudo que aborda diretamente a obra *Capitães da Areia* é a dissertação de mestrado de Anne Micheline Souza Gama, intitulada *Capitães de Salvador: as representações do urbano e das relações sociais na obra Capitães da Areia de Jorge Amado*. O foco de Gama não é especificamente a militância de Jorge Amado em suas obras, mas sim analisar representações literárias sobre o espaço urbano de Salvador em *Capitães da Areia*²¹. Assim como Ana Paula Palamartchuk, Gama aponta aspectos da vida de Jorge Amado, além de como ele passa a trabalhar em jornais e participar da vida literária, bem como sua passagem pela militância.

Apesar de não ser o foco central de seu estudo, Gama mostra como as crianças do romance são meninos que não se encaixam no projeto de “ordem e progresso” republicano e como as notícias que aparecem no início da obra apresentam um discurso de incriminação dos jovens a partir da Imprensa, da polícia e dos “homens de bem”.²² Também ressalta que a história do atendimento à infância no Brasil é marcada por discursos médicos higienistas, dessa maneira, pensava-se na remoção das crianças das ruas e internação das mesmas em instituições. Além

¹⁹ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista...** escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 139

²⁰ Ibidem, pp. 135

²¹ GAMA, Anne Micheline Souza. **Capitães de Salvador: as representações do urbano e das relações sociais na obra Capitães da Areia de Jorge Amado**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2015, pp. 24

²² Ibidem, p. 45-46

disso, Gama afirma que a infância se torna preocupação no século XX, havendo instituições de correção ou instituições industriais de disciplina, com o intuito de regenerar os menores²³.

A autora dedica boa parte do seu estudo para entender a cidade de Salvador como um organismo vivo, refletindo de que maneira o romance mostra uma urbe que parece programada para a clivagem das classes²⁴. Entretanto, não deixa de mostrar, por exemplo, como os personagens de *Capitães da Areia* ouviam que não eram “crianças”, mas sim apenas ladrões. Gama destaca também que, aqueles que ao longo do enredo tentavam ajudar esses meninos, de alguma forma, eram pessoas que são desacreditadas dentro da sociedade do período: uma mãe de santo e um padre que eram mal-vistos entre os outros líderes religiosos²⁵.

Entretanto, o ponto de partida que interessa a presente pesquisa é como a questão da infância na década de 1930 aparece em *Capitães da Areia*. Anne Michelline Souza Gama afirma que o romance jamais foi um conto sobre crianças abandonadas, mas sim uma história com entusiasmo e caráter social imensos²⁶. Em seu romance, Jorge Amado de fato explora diversas temáticas e não foca apenas nas crianças em si. Porém, ele traz aspectos importantíssimos para entendermos as possíveis situações que essas crianças abandonadas passavam como sujeitos e como conviviam e reinventavam a sua própria realidade.

Nesse sentido, Licia Soares de Souza, no artigo intitulado *Infância e errância: imagens da criança abandonada na ficção brasileira*, faz uma análise sobre o universo da infância em *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, e *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins. Em relação a *Capitães da Areia*, a autora mostra como as crianças do romance desenvolviam seus próprios códigos de solidariedade e ajuda mútua, protegendo uns aos outros de uma ordem que utilizava de práticas punitivas²⁷. Também evidencia como Jorge Amado denuncia o abandono não só da família aos menores, mas do Estado. Nesse sentido, Souza mostra o conceito de regime diurno e noturno de Monique Boucher para explicar os contrapontos construídos no romance:

²³ GAMA, Anne Michelline Souza. **Capitães de Salvador**: as representações do urbano e das relações sociais na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História do Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2015, pp. 49-50

²⁴ *Ibidem*, pp. 59

²⁵ *Ibidem*, pp. 118

²⁶ *Ibidem*, pp. 101

²⁷ SOUZA, Licia Soares de. **Infância e errância**: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 46, dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018465>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000200079&lng=pt&nrm=iso>; Acesso em 15 nov. 2020, pp. 79

Boucher mostra que o mundo das crianças se inscreve no regime noturno do imaginário, que segundo Durand (apud Boucher 2011), é aquele das figuras simbólicas da descida, da retração, do útero, da mãe, da intimidade, em contraste com as figuras do regime diurno, que são as da subida: ascensão, poder, iluminação, razão.²⁸

Assim, o próprio trapiche em que os Capitães da Areia viviam era ao mesmo tempo descrito como esconderijo de delinquentes, mas também território do regime noturno de imaginação²⁹. Em diversos episódios do enredo, se faz um contraponto com o tipo de infância considerada ideal na época. Isso é demonstrado a partir de quebras que acontecem ao longo do romance, quando a criança deixa sua cerca simbólica e trilha o caminho da errância, do crime³⁰.

Além disso, como já destacado por outros estudos, Souza reafirma a presença das tensões sociais e embates entre discursos do período, ao longo do romance. Dessa forma, o livro apresenta os contornos dramáticos na vida dos meninos entre o regime diurno e noturno, este último seria onde os desassistidos pelas políticas sociais se abrigam³¹. Esses conceitos utilizados por Licia Soares de Souza estão de encontro com a questão da contradição entre características que se aproximam e se afastam da infância ao longo do livro.

Segundo Souza, no momento de início do romance, que, como já comentado, aparece uma notícia e cartas à redação, Jorge Amado utiliza como recurso outros registros discursivos (artigos de jornais e cartas), que possuem força argumentativa na caracterização do universo soteropolitano³². Também há um entrecruzamento de vozes institucionais presentes nas cartas à redação, pela carta do padre, de uma mãe, do juiz de menores e da polícia. A forma como a Imprensa aparece no romance mostra como esse meio de comunicação evidencia o discurso que contrapõe o mundo da virtude e o mundo do vício. Além disso, o jornalismo mostra como a cidade é palco da construção da ordem moderna, regulada por vários tipos de processos discursivos. Essa questão se torna muito importante, levando em conta que os jornais eram o principal meio de circulação de ideias na década de 1930³³.

²⁸ SOUZA, Licia Soares de. **Infância e errância**: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 46, dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018465>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000200079&lng=pt&nrm=iso>; Acesso em 15 nov. 2020, pp. 82

²⁹ *Ibidem*, pp. 89

³⁰ *Ibidem*, pp. 83

³¹ *Ibidem*, pp. 89

³² *Ibidem*, pp. 85

³³ *Ibidem*, pp. 87

Outro ponto que nos interessa é entender como Jorge Amado constrói o destino das crianças de *Capitães da Areia*. Alguns dos meninos encontram um caminho para ter uma vida considerada “honestá”, enquanto outros vão ser vistos pela sociedade como os mais malandros da Bahia. O destino de Pedro Bala, como também destacado em outros estudos, possui uma saída política da vida marginal a partir do sindicalismo³⁴. Souza conclui que a errância em *Capitães da Areia* não glorifica atributos da infância, mas mostra as consequências sociais da expulsão edênica. Assim, as personagens criam seus próprios códigos de vivência, determinando suas relações com o mundo³⁵. Entretanto, Souza afirma que a literatura também foi um sinal de alerta para a sociedade, expondo qual era o destino das crianças das classes excluídas³⁶.

Ademais, algo que chama atenção e que tem em comum nesses três estudos aqui explicitados, é a questão de gênero presente no enredo a partir da personagem Dora, que também era uma das crianças do grupo dos Capitães da Areia. Segundo Licia Soares de Souza, tendo como referência o enredo do livro, a menina era um elemento afetuoso que cuidava de roupas e objetos do grupo, passando a ser considerada como irmã ou uma jovem mãe. Ao mesmo tempo, a personagem efetua furtos junto ao bando³⁷. Ana Paula Palamartchuk mostra como Dora se propõe a participar das atividades de roubo dos Capitães da Areia, mas não por achar que era uma igual a eles, mas como uma forma de troca de trabalhos. Além disso, os elogios feitos a Dora ao longo do romance, se dão de acordo com um referencial masculino. Assim, a opressão sofrida por ela ser mulher é resolvida no enredo pela ocupação desta em um lugar dado como masculino³⁸. Já Anne Micheline Souza Gama mostra como Dora, antes de se tornar valente, teve que se adequar ao ideal feminino pregado no período³⁹.

Portanto, a partir desses estudos aqui expostos, podemos perceber pontos de grande importância para este trabalho. Primeiramente, é necessário considerar a rede de relações do

³⁴ SOUZA, Licia Soares de. **Infância e errância**: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 46, dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018465>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000200079&lng=pt&nrm=iso; Acesso em 15 nov. 2020, pp. 92

³⁵ *Ibidem*, pp. 99

³⁶ *Ibidem*, pp. 93

³⁷ *Ibidem*, pp. 81

³⁸ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista...** escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 135

³⁹ GAMA, Anne Micheline Souza. **Capitães de Salvador**: as representações do urbano e das relações sociais na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2015, pp. 106

autor e como as ideias circulantes entre os literatos também tem relação com as escolhas feitas por Jorge Amado. Ou seja, o foco na transformação da realidade em uma perspectiva comunista. Entretanto, como Palamartchuk afirma, nos romances de Amado não há um total rompimento com a visão civilizadora defendida por muitos intelectuais. Apesar disso, também há um segundo ponto de grande relevância: a denúncia que Jorge Amado fez em *Capitães da Areia* sobre a situação daqueles meninos. Este último ponto chama a atenção para a necessidade de analisar como a obra foi recebida, levando em conta a década de 1930 e as ideias circulantes no período.

1.2 – *Capitães da Areia* e Jorge Amado na Imprensa da década de 1930

A Imprensa, como já dito anteriormente, sempre esteve muito presente na vida de Jorge Amado. Quando ele se muda para Salvador, começa a trabalhar em jornais e a participar da vida literária⁴⁰. Além disso, como já mencionado, o escritor referencia notícias e cartas à redação fictícias ao longo do romance. Portanto, a Imprensa torna-se uma fonte histórica relevante para este trabalho. Por meio do acesso online ao acervo da Hemeroteca Nacional Digital, foi possível encontrar 54 notícias sobre *Capitães da Areia* na década de 1930, contando todos os periódicos disponibilizados. Este número é muito pequeno se comparado à imensa quantidade de vezes que o nome de Jorge Amado aparece em toda Imprensa nesse mesmo intervalo de tempo, por esta razão, serão analisadas as 56 vezes que o nome do autor aparece no *Correio da Manhã*, na década referida.

Primeiramente, antes de partir para a obra *Capitães da Areia* em si, é necessário analisar de que maneira o autor era descrito em um jornal popular da década de 1930, como foi o *Correio da Manhã*. É importante levar em consideração o grande público leitor desse periódico, além do fato de que os jornais eram o maior meio de divulgação de informação da época. Mas o que essas 56 menções estavam falando sobre Jorge Amado? Parte dessas notícias mostram participações do escritor em confraternizações, juntamente com outras pessoas do meio artístico, como na fundação da “Casa Castro Alves”, uma organização que: “[...] prestava

⁴⁰ GAMA, Anne Micheline Souza. **Capitães de Salvador**: as representações do urbano e das relações sociais na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História do Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2015, pp. 30

assistência e proteção ao escritor e ao estudante pobres, assim como ao filho do escritor pobre, disseminação do ensino, instituição de prêmios dos autores novos.”⁴¹. Além disso, o nome de Jorge Amado aparece diversas vezes nas homenagens a outros literatos consagrados no período e em anúncios de participações em revistas como o *Boletim de Ariel e Esfera*.

Quantitativamente, esses tipos de menções são as que mais aparecem no *Correio da Manhã* durante a década de 1930. Quando se trata de algum tipo de participação junto a outros escritores, normalmente são notícias localizadas em colunas como “A Vida Social”, que aparece na quinta página do jornal, coluna dedicada a eventos, casamentos, missas, festas, listas de nomes de pessoas que se formaram entre outros assuntos, como as confraternizações entre intelectuais. Esse tipo de menção nos permite reafirmar que não podemos entender Jorge Amado como um escritor isolado no seu tempo. A forma como estava em lugares diferentes, com artistas, jornalistas e literatos, nos permite compreender algumas caracterizações atribuídas a ele.

E qual era a opinião emitida sobre o autor no *Correio da Manhã*? O jornal rendeu mais elogios ao autor do que críticas ao analisarmos as notícias que expressam alguma opinião sobre ele. São cerca de dezessete elogios e oito críticas identificados. Em relação aos elogios, são comuns menções ao realismo, que afirmavam que o escritor baseia sua obra na realidade. É comum encontrar esses elogios não apenas sobre Amado, mas a um grupo de escritores que ele era frequentemente associado, sendo um desses literatos o paraibano José Lins do Rego. Afirmações como “imprimem arte a essa realidade surpreendida ao natural” são escritas sobre os dois literatos. Outro dado notado são as assinaturas, cerca de nove artigos sobre o autor possuem identificação de quem os escreveu.⁴²

Importante ressaltar que nem sempre a suposta aproximação com a realidade é vista de forma positiva, mas quantitativamente há mais elogios do que críticas em relação a ela no *Correio da Manhã*. Também foram encontradas notícias que mesclam elogios e críticas a Jorge Amado. Entretanto, o que mais chama a atenção, quantitativamente, são as críticas relacionadas a associações do autor com o comunismo. Pelo menos oito das notícias do jornal que apresentam

⁴¹ *Correio da Manhã*, 11 de dezembro de 1932.

⁴² Gilberto Freyre, Antonio Augusto, Carlos Maul, Joaquim Ribeiro, R. Magalhães Junior, Paulo Gustavo Heitor Moniz. Estes nomes aparecem assinados nos artigos sobre Jorge Amado, sendo que três dessas matérias assinadas são escritas por Heitor Moniz.

algum posicionamento sobre o escritor mencionam o Comunismo, sendo que a maioria faz isso de forma a negativizar os considerados “romances proletários”.

Quando passamos a observar a Imprensa como um todo, é possível chegar a algumas conclusões sobre a repercussão do romance em diferentes jornais e revistas. São encontradas cerca de 54 matérias sobre o *Capitães da Areia*, levando em conta os periódicos disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira. Dentre elas, as revistas literárias são as que mais abordam sobre o livro. Quantitativamente, há mais menções no *Boletim de Ariel* (RJ), em segundo lugar, no *Dom Casmurro* (RJ) e depois na revista *Vamos Lêr* (RJ). Além delas, o romance aparece no *Anuário Brasileiro de Literatura* (RJ). Cabe ressaltar que a revista *Dom Casmurro* tem Jorge Amado como redator chefe em determinado período. O livro *Capitães da Areia* também aparece nos jornais em quatorze títulos diferentes, porém com pouquíssimas menções em cada periódico.

Algo que chama atenção é justamente a diferença entre as revistas voltadas para Literatura e os jornais diários, na forma de abordar a obra *Capitães da Areia*. Nas revistas analisadas, não foram encontradas caracterizações pejorativas em relação à marca proletária no romance. Enquanto isso, nos jornais, mesmo falando pouco do romance, foram encontradas essa caracterização de forma a sinalizar uma ameaça comunista, sendo cerca de oito notícias sobre esse tema encontradas no: *Correio da Manhã* (RJ), *Jornal do Commercio* (RJ), *A Ordem* (RN), *O Estado* (SC) e *O Combate* (MA). Nestes, há o apelo em dizer ao leitor sobre a suposta existência de uma “ameaça comunista” no Brasil e que obras como *Capitães da Areia* representam perigo, mostrando inclusive a notícia dos livros que foram incinerados em 1937. Apesar disso, os outros periódicos também apresentam elogios ao romance, que aparecem mais do que as críticas.

Outros dados quantitativos foram percebidos, como o fato de que das 31 matérias sobre o romance nas revistas literárias analisadas, 17 delas são assinadas. Nos jornais, temos 23 matérias que mencionam o romance, com 11 delas assinadas pelos nomes: Josué Montello, Peregrino Junior, Ademar Vidal, Affonso de Castro Senda, José Osório de Oliveira, Edgard Cavalheiro, Osorio de Oliveira, Joel de Oliveira, Aydano do Couto Ferrá, Nelio Reis, Silvia Leon Chalreo. Porém, primeiramente é importante notar como a temática que aqui nos interessa, a infância abandonada, aparece em algumas das matérias sobre *Capitães da Areia*. Entretanto, poucas são as vezes que o assunto é o foco da notícia. Assim como observado nas notícias sobre

o autor, a caracterização do romance como um livro que mostra a realidade está muito presente, em diferentes periódicos do período.

Para além de focar nas colunas analisadas, no intuito de compreender a década de 1930 em si, foram observados outros espaços presentes nas mesmas edições em que estavam publicadas as notícias sobre o romance. Assim, foi possível perceber a problemática da infância abandonada presente em outras seções de diferentes periódicos. Há desde notícias nas seções policiais, falando de acidentes sofridos por crianças e adolescentes atropeladas em bondes, até matérias que demonstram a preocupação com a situação da infância desamparada e a criminalidade infantil. Além disso, principalmente nos jornais diários, foram observadas diversas notícias nas seções policiais sobre trabalhadores que se acidentaram em meio ao expediente. De forma geral, também foram encontradas notícias que falam da existência dos inimigos do livro, se referindo justamente aos agentes que defendem que romances como *Capitães da Areia* deveriam ser incinerados.

Um ponto interessante a se notar diz respeito à temática “ameaça comunista” em outras notícias que não estão falando sobre *Capitães da Areia*, mas estão na mesma edição daquelas que falam sobre o livro. A abordagem anticomunista aparece, não somente, nas notícias sobre os intelectuais considerados comunistas, mas engloba diferentes pontos, inclusive a respeito das obras educacionais da infância, que aparecem em uma matéria do jornal *O Combate*, do Maranhão. Este jornal publica, no dia 22 de dezembro de 1937, uma notícia intitulada: “Incinerados na Bahia vários livros considerados propagandistas do credo vermelho: Os livros de Jorge Amado e José Lins do Rêgo foram os mais atingidos”⁴³. Na mesma edição do jornal, afirma-se que a criança é a maior vítima do comunismo e que “[...] os comunistas compreendem que o relaxamento do caráter infantil e a deturpação do conceito de justiça e de moral facilitam a aceitação de seus princípios subversivos.”⁴⁴ No mesmo número do jornal, vemos notícias que defendem o trabalho como forma de disciplinar as crianças e adolescentes, ou seja, a questão do grau de controle sobre os menores era cara a esse jornal. Essa questão aparece justamente no dia em que é publicado sobre a queima da obra *Capitães da Areia*, um livro que mostra personagens crianças que tem a liberdade como bem maior, havendo inclusive meninos que optaram por fugir de casa e viver o que Jorge Amado chama de “liberdade das ruas”.

⁴³ *O Combate* (MA), 22 de dezembro de 1937

⁴⁴ *O Combate* (MA), 22 de dezembro de 1937, pp. 3

Este ponto chama a atenção, pois é possível perceber um embate de ideias entre concepções de educação e de infância. Isso é relevante para começarmos a refletir sobre como eram as políticas para lidar com meninos e meninas que viviam nas ruas e que praticavam atos criminosos. Se há um embate sobre a maneira que eles tinham que ser tratados, vistos e educados, certamente a forma como Jorge Amado mostra sentimentos, expectativas e organizações desses meninos e meninas em *Capitães da Areia*, também deve ser analisada levando em consideração essa discussão.

Afinal, notícias como essa, presentes no jornal *O Combate*, abrem um leque para pensarmos algo fundamental: De que maneira o que certos jornalistas chamaram na época de “denúncia”, feita por Jorge Amado sobre a situação das crianças em situação de abandono, impactou os leitores de *Capitães da Areia*, jornalistas e os leitores de jornais? Também é necessário entender como o romance se posiciona sobre o assunto e de que forma se contrapõe ou não com o que estava sendo pensado pelas autoridades responsáveis pela infância. Este último ponto se torna relevante, levando em consideração que estamos tratando de um livro que teve volumes incinerados a mando da política de Getúlio Vargas.

No momento, o que pode ser concluído é que, acessar outras notícias foi muito importante para enxergar não só como o romance foi visto e recebido, mas também para começar a perceber o quanto opiniões de críticos literários e jornalistas estavam em conexão com os assuntos presentes no corpo dos periódicos. Em relação ao que aparece sobre o romance em termos quantitativos, percebe-se um padrão sobre o que a Imprensa estava tentando passar diariamente para os seus leitores. Ou seja, vemos uma constante insistência de que romancistas como Jorge Amado, evidenciando não só ele, mas um grupo de escritores, estavam tentando difundir ideias subversivas. Apesar de haver elogios sobre um suposto “realismo” presente na sua obra, não há como ignorar a imagem que foi construída sobre Amado na Imprensa do período e, portanto, o impacto de *Capitães da Areia* entre jornalistas e leitores de jornal.

1.3 – Entre textos jornalísticos e embates de posicionamentos

Adentrando nas notícias em si, é possível entender melhor a mensagem que os jornais estavam passando na década de 1930 sobre *Capitães da Areia* e as temáticas que envolviam essas notícias. Primeiramente, o que um jornal popular, e de grande circulação, como era o *Correio da Manhã*, publicava sobre Jorge Amado? De que maneira isso chega para o público leitor? Tal análise é importante, levando em consideração que consumidores de literatura ou não, os diferentes leitores do jornal constroem suas próprias impressões também baseados no que a Imprensa publica sobre o escritor.

Na notícia do dia 29 de outubro de 1935, na quarta página e primeira coluna do jornal, o *Correio da Manhã* publica a respeito dos chamados “romancistas do norte”. Nessa reportagem escrita por Heitor Moniz⁴⁵, o jornalista fala especificamente de Jorge Amado e José Lins do Rêgo, que segundo ele “representam ao nosso romance um novo sentido, uma orientação diversa”. Além disso, afirma que:

José Lins e Jorge Amado colheram ao vivo os flagrantes da vida interior do Brasil. Imprimem arte a essa realidade surpreendida ao natural, na expressão nativa do sem artificios. Por isso mesmo falam ao público das cidades uma linguagem desconhecida, dizendo-lhes coisas, apresentando-lhe paisagens, mostrando-lhe personagens, descrevendo-lhe episódios de que esse público não poderia fazer, mesmo longinquamente, uma ideia. (*Correio da Manhã*, 29 de outubro de 1935, p. 4)

Neste trecho, levando em consideração que José Lins do Rego e Jorge Amado também escrevem histórias que têm como pano de fundo o interior do Nordeste, percebe-se que há elogios que evidenciam a capacidade dos autores de retratar a realidade da vida interior, afirmando que esta é desconhecida pelo povo das cidades. Tal ponto pode ser questionado entendendo a literatura como algo que não retrata, espelha ou imita a realidade, por mais realista que ela se proponha a ser. Porém, é inegável que essa questão é de importância na pauta dos jornalistas, no sentido de uma literatura que denuncia a realidade. A presente pesquisa não tem como pretensão medir o grau de semelhança da literatura amadiana com a realidade, nem pensar os romances considerados “realistas” como fontes históricas com maior potencial de análise do tempo histórico que ela se insere. Os jornais ressaltam diversas vezes que certas obras literárias

⁴⁵ Pseudônimo de Heitor Ferrão Moniz de Aragão, jornalista nascido em Salvador, no estado da Bahia, em 1906. Foi um Cronista, crítico, ensaísta, jornalista, funcionário público e diplomado em direito. Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=4752>>

estariam “mostrando a realidade”. Ao mesmo tempo, o suposto “realismo” nas obras nem sempre é bem-visto pelos críticos literários da Imprensa.

Ao descrever como Jorge Amado escreve o seu romance *Cacau*, que mostra “a miséria da gente que anda morrendo viva nos cacáoeiros bahianos”, Heitor Moniz diz que Jorge Amado foi sensível às impressões desse “quadro desconhecido do nosso país”. Esse artigo também tenta denunciar como as pessoas das capitais desconhecem a existência dos pobres que habitam os vilarejos. Além disso, evidencia que Jorge Amado faz “retratos magníficos de tudo isso”. Por fim, o artigo enaltece o fato de que o idealismo social nos trabalhos de José Lins e Jorge Amado é “como um verdadeiro grito de protesto e de reação contra um estado absurdo de coisas que fatalmente há de acabar”.

Dessa forma, o autor reconhece a importância da denúncia à desigualdade social presente nos romances desses dois autores. Ao mesmo tempo utiliza palavras como “retrato”. Dessa forma, é necessário questionar Heitor Moniz, refletindo os limites de análise sobre as crianças de *Capitães da Areia* ao compararmos o romance com o que seria a realidade das crianças abandonadas. Não apenas na perspectiva de análise de uma fonte literária que trabalha o cotidiano, pois essa questão também estava em discussão no período de publicação do romance.

Isso fica evidente ao trazer um pouco da opinião jornalística sobre a obra em si. Não para tomar essa como verdade, mas para entender de que forma a temática dos meninos das ruas de Salvador, presente na obra de Jorge Amado, impactou a opinião de críticos literários e jornalistas. Interessante notar como no mesmo jornal as opiniões podem divergir. No *Correio da Manhã*, no dia 23 de setembro de 1937, na quarta página e primeira coluna, há uma reportagem sobre *Capitães da Areia* assinada por Carlos Maul⁴⁶. Nessa reportagem, ao contrário da descrita anteriormente, *Capitães da Areia* não é reconhecido como uma obra que denuncia uma realidade. Ao invés disso, Maul vai de contrário com essa característica destacada por outros jornalistas, afirmando que a intenção de Jorge Amado é na verdade difamatória, como apresentado no seguinte trecho:

⁴⁶ Carlos Maul nasceu em Petrópolis, no Estado do Rio, em 1889. Teatrólogo, tradutor, jornalista e poeta. Exdeputado pelo seu Estado natal. Do Instituto Brasileiro de Cultura, do Conselho da Associação Artística Brasileira, das Academias Carioca e Fluminense de Letras. (Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/carlos_maul.html)

Mas que Bahia é essa de que ninguém suspeitava? Uma cubata, o acampamento de uma sub-raça em decomposição? Nada disso. O que Jorge Amado “vê” na sua terra é o espetáculo de pequenas manchas da civilização, que só limpam com a educação e com as leis generosas, e não com o despotismo das subversões. Essas miniaturas de doenças não são a Bahia como não são o Brasil”⁴⁷

Importante notar que neste trecho há, ao mesmo tempo, a crítica da ideia de que Jorge Amado mostra a realidade dos meninos de rua, mas também relaciona diretamente a abordagem do romancista com “o despotismo das subversões”. Dessa forma, Carlos Maul rebate a própria forma como Jorge Amado propõe solucionar as referidas “manchas de civilização”, para Maul, é necessário “limpar” essas manchas com “leis generosas e educação”. Existe, portanto, um embate entre a solução dada por Jorge Amado que defende a luta contra a hierarquia de classe com a solução dada por Carlos Maul. Ao longo do artigo, o jornalista critica o fato de obras como *Capitães da Areia* serem bem difundidas no exterior, afirmando que quem traduz o romance para vários idiomas são as editoras comunistas, defendendo que essas obras estariam difamando o Brasil para o exterior. Ou seja, demonstra se preocupar mais com a “imagem” que Jorge Amado expõe do que discorrer sobre o que seria ou não a realidade das crianças que vivem nas ruas.

Como dito anteriormente, foram encontradas muitas críticas à obra junto ao discurso do anticomunismo. Assim, é possível notar de que maneira discursos se contrapõem, não necessariamente divididos em dois polos opostos, mas fica evidente a disputa sobre a questão do que deve ser feito sobre certa realidade social. Portanto, é importante chamar a atenção para como o jornalismo descrevia especificamente a questão da infância abandonada presente em *Capitães da Areia*.

Uma notícia que foca muito nesse aspecto aparece em 24 de outubro de 1937, no periódico *A Nação*, do Rio de Janeiro, na página quatorze. Essa reportagem é assinada por F. A de Faria Sobrinho e evidencia que o assunto do novo livro de Jorge Amado é “O problema da infância desamparada, infância sem lar, infância sem os cuidados e carinhos maternos”. O jornalista afirma que, no Brasil, Jorge Amado foi o primeiro romancista a tratar do tema. Como em muitas outras notícias, nesta é afirmado de forma elogiosa o compromisso do autor com a realidade, defendendo que as crianças que aparecem no livro “São typos reais, que Jorge Amado

⁴⁷ *Correio da Manhã*, 23 de setembro de 1937, pp. 4

foi procurar no meio do povo vivendo com eles desde a sua infância nas fazendas de cacáu ou vendo a mais bela e estranha humanidade do Brasil.”⁴⁸

Além disso, afirma que o próprio romancista procura fazer uma descrição da vida das crianças abandonadas nas ruas da capital da Bahia. Ademais, evidencia sobre os maus tratos que as crianças sofriam no reformatório e por fim conclui que na obra “Vemos os meninos matando, roubando, forçados pelas circunstâncias e não por vocação de nascença. O ambiente fora o culpado...”⁴⁹. Essa reportagem mostra aquela ideia de “denúncia da realidade” das crianças moradoras de rua a partir de *Capitães da Areia*, diferentemente da perspectiva de Carlos Maul. Outro ponto que chama atenção é o entendimento do ambiente como o culpado. Ou seja, de que de certa forma a situação e o espaço que aquelas crianças estavam inseridas estivesse determinando o fato delas recorrerem ao crime. Ao longo do romance, fica claro que esse ambiente, para Jorge Amado, trata-se justamente da sociedade desigual.

Da mesma forma que vemos notícias como a descrita acima, que interpretam uma “culpa” do ambiente, há também a evidência de certa autonomia dos meninos no romance ao reconhecer como se organizam. Esse ponto aparece no artigo que ocupa uma página inteira da edição de março do mensário crítico bibliográfico *Boletim de Ariel* (RJ) do ano de 1938, assinada por Ademar Vidal. Este afirma que os Capitães da Areia “Obedecem com disciplina e solidariedade. A solidariedade então emociona o coração mais gelado e indiferente ao lado triste desta vida.”⁵⁰. Ou seja, para além da realidade do abandono, da miséria e da criminalidade enxergada no romance e colocada em diversas notícias para descrevê-lo, Ademar Vidal também chama atenção para como *Capitães da Areia* passa a mensagem de que esses menores têm sua própria racionalidade e lógica de organização (pela chefia da personagem Pedro Bala, também uma criança).

Portanto, a partir da leitura de artigos sobre *Capitães da Areia* na revista *Dom Casmurro* do Rio de Janeiro, percebe-se que Jorge Amado se torna redator chefe deste periódico. As notícias sobre o romance presentes nele não foram aqui colocadas, pois seguem um padrão parecido com as outras notícias de periódicos literários analisados, ou seja, de opiniões elogiosas sobre o romance.

⁴⁸ *A Nação* (RJ), 24 de outubro de 1937, pp. 14

⁴⁹ *Ibidem*, pp. 14

⁵⁰ *Boletim de Ariel* (RJ), março de 1938, p. 156

Portanto, analisar estudos feitos sobre Jorge Amado e *Capitães da Areia* e ler notícias sobre autor e obra na Imprensa foi fundamental para direcionar o foco da presente pesquisa. Primeiramente, novas questões devem ser colocadas à tona. Percebendo a forma como muitos periódicos reconhecem que Jorge Amado faz uma denúncia sobre a realidade de meninos e meninas que vivem nas ruas, é necessário analisar o romance para identificar o que e de que maneira essa denúncia se dá. Segundo, reconhecendo uma disputa de discursos presente na Imprensa do período, é preciso refletir de que forma isso é posto em relação às políticas voltadas à infância e se é possível identificar essas abordagens no romance.

Terceiro, foi possível perceber como Jorge Amado não estava sozinho, o que abre possibilidades para investigar melhor sua rede de relação entre literatos. Este primeiro momento do estudo ajuda a compreender o potencial do uso da Imprensa como fonte para entender historicamente discursos e circulações de informações e opiniões sobre uma literatura amadiana. Em quarto lugar, esse momento introdutório da pesquisa permite que o ponto principal dessa pesquisa seja refletido. Ou seja, pensar nos meninos e meninas abandonados nas ruas como sujeitos de sua própria história. Há notícias que reconhecem a autonomia e a solidariedade entre as personagens, entretanto, isso abre espaço para perguntas como: quem eram esses sujeitos históricos? O que eles pensavam sobre suas vidas e sobre a forma que os adultos e as instituições lidavam com eles? Quais eram suas demandas?

Portanto, é preciso entender como e se *Capitães da Areia* dá voz aos meninos e meninas presentes no livro. Assim, analisar o romance se torna uma peça-chave para este estudo. Entretanto, antes de adentrar à análise da obra em si, é necessário entender o contexto em que ela se insere em relação à história da infância, para que seja possível pensar melhor essas perguntas no sentido de entender crianças como sujeitos históricos. Ou seja, contextualizar as escolhas de Jorge Amado ao caracterizar, a partir das suas personagens, a infância e quais eram as questões discutidas em torno dessa temática ao longo da história até o momento de publicação de *Capitães da Areia*.

CAPÍTULO II – O processo histórico da caracterização da infância no Brasil

2.1 – A concepção sobre a infância: políticas de controle e resistência

O presente capítulo tem como objetivo refletir sobre a realidade de meninos e meninas em situação de abandono. Para isso, é necessário lançar o olhar para a história da infância no Brasil, compreendendo como as crianças foram tratadas ao longo do tempo e quais medidas foram pensadas e colocadas em práticas sobre essa questão. Esta reflexão se faz importante para a pesquisa, levando em consideração que o livro *Capitães da Areia* possui elementos que confrontam ideias sobre a infância, e, ao mesmo tempo reafirmam discursos construídos historicamente. Portanto, é necessário entender as formas que menores foram caracterizados na história antes de analisar a caracterização de Jorge Amado, entendendo o próprio autor como sujeito histórico. Dessa forma, primeiramente, é necessário compreender as mudanças na história da infância no contexto mundial. Portanto, alguns pontos do estudo de Philippe Ariès, intitulado *História Social da criança e da Família* serão destacados inicialmente. Nesse sentido, objetivamos discorrer sobre as transformações que ocorreram séculos antes da década de 1930, a fim de pensar sobre a própria construção de ideias sobre a infância que predomina anos depois.

O historiador e medievalista francês Philippe Ariès mostra como, do século XIII ao XVII, a mortalidade infantil se manteve muito elevada. Neste período uma nova sensibilidade é construída: uma nova concepção sobre a infância⁵¹. Nesse sentido, segundo o autor, a descoberta da infância começou no século XIII, mas os sinais do desenvolvimento disso tornam-se significativos a partir do fim do século XIV e durante o século XVII⁵². Mas afinal, o que seria a descoberta da infância? Ariès fala de uma “evolução do sentimento de infância” no século XVII⁵³. Ou seja, na sociedade medieval, o “sentimento de infância” não existia. Mas o que essa expressão significa? Segundo o autor, ela diz respeito não à afeição pelas crianças, mas à “consciência da particularidade infantil”, ou seja, de que a criança tem particularidades que as distingue de um adulto⁵⁴. Isso leva a mudanças sobre como crianças passam a ser tratadas e instiga diferentes formas de interferência na vida infantil. Essa reflexão se faz importante,

⁵¹ ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, pp. 48

⁵² *Ibidem*, pp. 52

⁵³ *Ibidem*, pp. 126

⁵⁴ *Ibidem*, pp. 156

considerando que, como veremos em outro capítulo, Jorge Amado, de certa forma, também pensa em uma intervenção na vida infantil, quando escreve sobre os Capitães da Areia.

Entretanto, é necessário ter cuidado com essas concepções, Philip Ariès afirma que reconhecer que o sentimento da infância não existia nos séculos citados, não significa que as crianças foram totalmente negligenciadas pelos adultos⁵⁵. Porém, este marco é importante para entendermos a mudança ocorrida na atitude com relação às crianças. Já não eram tratadas como “adultos em miniatura”, como aparece na própria iconografia do século XI ao XIII⁵⁶. Outro ponto importante diz respeito aos textos do fim do século XVI e do XVII, que possuíam observações sobre a psicologia, destacando-se a preocupação em tornar as crianças pessoas honradas e trabalhadoras. Já no século XVIII, há um novo elemento: a preocupação com a higiene e a saúde física⁵⁷.

Ou seja, Ariès mostra a relação entre os progressos do sentimento da infância e os progressos da higiene, uma relação entre a preocupação com a criança e a preocupação com a saúde⁵⁸. Houve também, nesse período, a reorganização da família em torno da criança, assim, se erguia o muro da vida privada entre a criança e a sociedade⁵⁹. Ademais, segundo o autor, a própria concepção arquitetônica de casa muda: “No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confina-la a um espaço limitado[...]”⁶⁰, ou seja, “A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo”⁶¹. Sua análise conclui que tudo isso esteve na esteira de uma ascendência moral da família e que este foi originalmente um fenômeno burguês. Ou seja, as classes populares não necessariamente aderiram esses moldes, um exemplo disso é a própria prática de divisão de cômodos que separa pais e filhos e irmãos, algo que continua por muito tempo sem ser efetivado entre a classe popular.

Portanto, a partir da visualização das mudanças no próprio “sentimento da infância”, é necessário compreender de que maneira essas mudanças ocorrem no Brasil. Durante muito

⁵⁵ ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, pp. 156

⁵⁶ *Ibidem*, pp. 39

⁵⁷ *Ibidem*, pp. 163

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 268

⁵⁹ *Ibidem*, pp. 278

⁶⁰ *Ibidem*, pp. 265

⁶¹ *Ibidem*, pp. 265

tempo, muitas das crianças que viviam no território brasileiro eram crianças escravas, que eram percebidas desde o princípio como trabalhadores a serviço de senhores. Portanto, a história da infância no Brasil está diretamente relacionada com a questão racial e a questão de classe. Assim, as próprias preocupações em relação à infância no país têm como marco o período da crise do escravismo no Brasil. Em sua dissertação de mestrado, intitulada *A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889)*, Luciana de Araújo Pinheiro explica como isso ocorre. Seu texto tem como recorte temporal esse momento em que há tentativas de formar um mercado de trabalho em um contexto em que a infância pobre era uma grande preocupação das autoridades brasileiras⁶².

Pinheiro estuda a atuação de chefes de polícia, corte, ministros da justiça, juízes de órfãos e presidentes da província do Rio de Janeiro. Primeiramente, é necessário entender que já no período anterior, o Período Colonial, há a contestação sobre a infância pobre. Apesar de haver uma carência de políticas públicas no Brasil voltadas para essa questão antes da segunda metade do século XIX, antes disso, havia a chamada Roda dos Expostos da Bahia em 1726 e uma outra na cidade do Rio de Janeiro em 1758. Esses locais recebiam um número expressivo de crianças abandonadas⁶³.

Entretanto, Pinheiro foca em como o processo de extinção do escravismo mudou as medidas sobre a infância. Um marco importante para isso é a Lei nº 2.030 de 28 de setembro de 1871 (conhecida como Lei do Ventre Livre), que libertava os filhos de recém-nascidos de escravas, obrigando os senhores a cuidarem deles até pelo menos os oito anos de idade. Após isso, escolhiam entre usar o trabalho deles até completarem 21 anos, ou libertá-los. Nesse último caso, o Estado pagava 600 mil réis de indenização ao senhor. Essas crianças nascidas livres por esta lei eram chamadas de ingênuos, e, quando eram devolvidas para o governo, este poderia

⁶² PINHEIRO, Luciana de Araujo. **A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, pp. 22

⁶³ *Ibidem*, pp. 28

entregá-las a associações autorizadas.⁶⁴ Entretanto, a lei de 1871 também estava ligada a um projeto de regulamentar longos contratos de trabalho e severas punições à vadiagem⁶⁵.⁶⁶

Dessa forma, a história da repressão à vadiagem no Brasil nos mostra como as políticas contra a ociosidade têm origem na escravidão, ou seja, não surgem com o advento da república brasileira, muito menos com a política de trabalho do governo de Getúlio Vargas. Portanto, a preocupação da própria Lei do Ventre Livre, ao defender a política de vigilância aos ingênuos, não era de cuidar da infância dos mesmos, mas combater a ociosidade. Paulo Terra, em seu artigo “Racismo, trabalho e ociosidade no processo de abolição: o Brasil e o Império Português numa perspectiva global (1870-1888)”, mostra que a Comissão responsável pela elaboração da lei afirmava que os libertos não estavam preparados para a liberdade repentina, por essa razão, eles teriam que trabalhar.⁶⁷ Ou seja, a história da infância no Brasil nos revela que há a percepção de crianças escravas não como “crianças”, mas como trabalhadores, e quando não as eram, há a tentativa de colocá-las neste lugar para que não circulem nas ruas como as personagens de *Capitães da Areia* fazem.

A maioria dos proprietários de escravos continuou utilizando a força de trabalho das crianças libertas e os castigos corporais não excessivos aos ingênuos eram permitidos por lei. Além disso, havia muitos senhores interessados em serem tutores de menores, como um mecanismo dos proprietários conservarem o controle de mão de obra frente à aproximação da Abolição da escravatura⁶⁸. Luciana Pinheiro mostra como, nesse período, há dirigentes reclamando pela abertura de instituições regeneradoras da infância, através da educação

⁶⁴ PINHEIRO, Luciana de Araujo. **A civilização do Brasil através da infância**: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889). 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, pp. 30

⁶⁵ No capítulo 4 do livro “*Mendigos, moleques e vadios*” na Bahia do século XIX, Walter Fraga filho explica que a palavra “vadiagem” no Brasil do século XIX, além de expressar a condição de indivíduos “vagabundos”, errantes e sem moradia certa, significava a recusa em daquele indivíduo em se conduzir de acordo com as normas do trabalho. A vadiagem recobria, portanto, a itinerância e a ociosidade, que eram comportamentos considerados ameaçadores à estabilidade social.

⁶⁶ PINHEIRO, Luciana de Araujo. **A civilização do Brasil através da infância**: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889). 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, pp. 34

⁶⁷ TERRA, Paulo Cruz. Racismo, trabalho e ociosidade no processo de abolição: o Brasil e o Império Português numa perspectiva global (1870-1888). Rev. Bras. Hist. [online]. 2021, vol.41, n.88, pp.155-177. Epub 26-Nov-2021. ISSN 0102-0188. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v41n88-09>, pp. 160

⁶⁸ PINHEIRO, Luciana de Araujo. **A civilização do Brasil através da infância**: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889). 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, pp. 36-38

primária e do trabalho. Em resumo, para Pinheiro, “[...] A lei do Ventre Livre foi uma espécie de mola propulsora que fez com que dirigentes imperiais prestassem maior atenção a um problema já antigo, anterior ao período imperial.”⁶⁹

Entretanto, isso não significava garantir às crianças melhores condições de vida, mas sim modificar o comportamento delas. Tal ideia advinha da questão do “perigo social” na simples existência de meninos e meninas pobres, ou seja, eles eram uma ameaça para os planos de políticos e intelectuais brasileiros que defendiam a organização de um mercado de trabalho disciplinado⁷⁰. Entre as preocupações das autoridades, havia a de separar menores pobres e/ou culpabilizados do restante da sociedade, tal procedimento defendia ser necessário internar essas crianças em instituições⁷¹, tirando-as do espaço público.

Outro ponto que vale a pena destacar é a ação do juiz de menores, que além de encaminhar os menores órfãos para um tutor, podia intervir nas vidas de menores pobres não órfãos e suas famílias. Ele poderia nomear um tutor à criança, quando era considerado que a mãe desta não tinha bons costumes, sendo que os costumes das famílias populares eram considerados inadequados para a educação infantil. Nos termos de tutela analisados por Luciana Pinheiro, fica nítida essa interferência de juízes na vida da infância pobre não órfã.⁷²

Portanto, é possível concluir que o foco das medidas tomadas para a infância pobre tem forte relação com o período de crise do escravismo e pretendiam que meninos e meninas pobres e negros trabalhassem desde cedo. As medidas sobre a infância no período imperial também estão ligadas à tentativa de controlar modos de vida, principalmente no sentido de rejeitar estruturas de famílias que não correspondem com os ideais higienistas. Além de entender sobre esses mecanismos, é preciso compreender especificamente sobre o cotidiano de meninos que andavam pelas ruas no século XIX da Bahia, estado onde se passa a obra *Capitães da Areia* e onde nasceu e viveu o autor desse romance.

Walter Fraga Filho, em seu livro *“Mendigos, moleques e vadios” na Bahia do século XIX*, nos mostra muito do que era vivido nas ruas da Bahia. No quinto capítulo, intitulado

⁶⁹ PINHEIRO, Luciana de Araujo. **A civilização do Brasil através da infância**: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889). 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, pp. 45

⁷⁰ *Ibidem*, pp. 46-47

⁷¹ *Ibidem*, pp. 54

⁷² *Ibidem*, p. 96-97

“Meninos, vadios, moleques e peraltas”, o autor mostra como a vadiagem se tornou questão fundamental para as forças policiais do século XIX, sendo a repressão a este crime voltada tanto para itinerantes que vagavam pela cidade em busca de emprego, quanto para populações estabelecidas.⁷³ Segundo Fraga Filho, diante dos confrontos crescentes entre a polícia e bandos de jovens, estes meninos tentavam resistir à tentativa das autoridades de excluí-los do mundo das ruas⁷⁴. Havia patrulhas fixas, na intenção de estabelecer ordem nas vias públicas, frente ao incômodo que a presença desses menores causava⁷⁵, e essa repressão policial incluía também castigos corporais aos menores infratores.

Walter Fraga Filho, assim como Luciana Pinheiro, fala de como a questão do trabalho estava ligada às medidas das autoridades. Inserir meninos no campo produtivo foi uma das medidas para tentar estabelecer a ordem. Portanto, muitos menores eram mandados para as embarcações da Marinha como aprendizes, lá também eram submetidos a castigos corporais. Porém, esses meninos também estavam presentes nos movimentos sociais urbanos⁷⁶, o que inclui movimentos de trabalhadores, tal ponto é importante, levando em consideração que, ao final do livro *Capitães da Areia*, as crianças do livro se envolvem na greve operária. O próprio termo “vadio” condenava moralmente as crianças que estariam fora do domínio familiar e produtivo, ou seja, que atentavam contra a ordem familiar. É fundamental ressaltar que, o grande número de crianças vivendo nas ruas no século XIX ocorre também devido à orfandade provocada pela epidemia de cólera de 1855⁷⁷. Entretanto, não somente de meninas e meninos órfãos se ocupavam as ruas, mas também daqueles menores que decidiam abandonar o ambiente familiar⁷⁸, como a personagem Almiro de *Capitães da Areia*, que fugiu da casa da sua mãe.

Além disso, havia aqueles que entravam em conflito com os próprios mestres de ofício, algo muito comum.⁷⁹ Frequentemente, os pais inseriam seus filhos em alguma profissão desde muito cedo, no intuito de discipliná-los e também para que ajudassem na renda familiar. Entretanto, isso não significa que havia aceitação por parte das crianças frente à exploração feita pelos seus mestres de ofício. Portanto, a tentativa de formar o caráter da criança a partir do

⁷³ FRAGA FILHO, Walter. Mendigos, **Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, pp. 17

⁷⁴ *Ibidem*, pp. 115

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 117

⁷⁶ *Ibidem*, pp. 116

⁷⁷ *Ibidem*, p. 119 - 120

⁷⁸ *Ibidem*, pp. 121

⁷⁹ *Ibidem*, pp. 122

trabalho era um meio utilizado para impedir a vadiagem⁸⁰, mas, na prática o que ocorria eram bandos de meninos nas ruas da Bahia organizando seus próprios laços de solidariedade para sobreviver no dia a dia. A experiência de rua aproximava meninos e meninas livres e escravos, havendo inclusive meninos escravos andando com outros bandos de meninos.

Dessa forma, a construção histórica da infância no Brasil está relacionada à estrutura social de um país que passou pela escravidão. Além disso, crianças passam cada vez mais a ser tratadas como seres a serem modelados por meio do trabalho. Isso não significava uma preocupação que buscava contribuir para a infância em si, mas um adestramento disfarçado de cuidado. Isso se torna ainda mais violento, quando é percebido que as medidas voltadas ao trabalho tinham como alvo, principalmente, meninos e meninas das classes mais pobres, sendo a eles a quem mais foi negado o próprio direito à infância ao longo da história do Brasil.

No início do século XX, as capitais brasileiras estavam habitadas por crianças pobres, estas passam ainda mais a ser objeto de atuação do Estado e da polícia juntamente com parcelas da população pobre da cidade que era vista como “desocupada”. Portanto, meninos e meninas tornam-se responsabilidade da esfera pública⁸¹. Dessa forma, no final do século XIX e início do XX, há uma grande produção de projetos de lei que tratavam da infância pobre. Muitos desses projetos reafirmaram a necessidade de garantir o futuro da república, enxergando as crianças como “adultos em germinação”⁸², ou seja, uma visão ainda muito centrada no mundo adulto. Essa lógica estava ligada às novas preocupações da república recém-proclamada, com o foco em tentar preparar a população para impulsionar a economia nacional⁸³.

Nesse ponto, ao tratar dos primeiros anos do século XX, é necessário considerar que este cenário também é o do pós-abolição da escravatura. Como mencionado anteriormente, o Brasil já possuía uma longa história de exploração de mão de obra infantil de escravos que trabalhavam para seus senhores. Nos anos após a abolição, debates sobre o trabalho infantil se multiplicam, muitos buscando preparar crianças para o trabalho industrial e agrícola.⁸⁴ Portanto, segundo

⁸⁰ FRAGA FILHO, Walter. Mendigos, **Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, pp. 127

⁸¹ MARIANO, Hêlvio Alexandre. O processo de consolidação da assistência à infância e o amparo à maternidade no Brasil: entre o público e o particular (1927-1940). **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 13, n. 3, p. 697-713, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/WINDOW~1/AppData/Local/Temp/36726-Texto%20do%20artigo-163612-1-1020170416.pdf. Acesso em 04/08/2021, pp. 704

⁸² *Ibidem*, pp. 704

⁸³ RIZZINI, Irma. **Pequenos trabalhadores do Brasil**. In: PRIORE, Mary Del. História das crianças no Brasil. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1999. pp. 209

⁸⁴ *Ibidem*, pp. 207

Adriana de Resende Barreto Vianna, há a continuidade de estratégias compulsórias de trabalho herdeiras da escravidão, estando presentes de diferentes formas, como, por exemplo, na rotina de escolas correcionais do período.⁸⁵

Ao olhar para as décadas de 1920 e 1930, é necessário perceber como mudanças vêm de um processo anterior e refletem no aparato legal. Em seu artigo intitulado “O processo de consolidação da assistência à infância e o amparo à maternidade no Brasil: Entre o público e o particular (1927-1940)”, Hélvio Alexandre Mariano afirma que entre a elaboração do Código de Menores de 1927, da constituição de 1933/1934 e da constituição de 1937, houve diversos protagonistas, tentando impor sua visão de infância no parlamento e Governo Federal. O Código de Menores de 1927, formulado pelo advogado e ex-deputado José Cândido Mello Mattos, proibia o trabalho de crianças com menos de quatorze anos e estipulava a jornada de seis horas até os dezoito anos de idade. Este código também previa colônias organizadoras voltadas para crianças e adolescentes, porém, na prática, somente o Estado de São Paulo e o Distrito Federal possuíam essas instituições na forma prevista pelo Código de Menores e pelo Código Penal.⁸⁶

Os debates sobre a infância envolveram médicos, juristas, pedagogos e psicólogos, sendo as Assembleia Nacional Constituinte de 1933 e 1934 cruciais, pois nelas foi moldado o primeiro modelo de assistência à infância e amparo à maternidade no Brasil⁸⁷. Assim, nas discussões da constituinte, havia diferentes posicionamentos, sendo um deles o do professor Fernando de Magalhães, que defendia a necessidade de criar nos estabelecimentos de ensino um modelo de educação profissional, a partir do adestramento manual e da orientação profissional dos alunos.⁸⁸ Quanto ao posicionamento do presidente, em seu discurso registrado nos Anais da Constituinte 1933/34, Getúlio Vargas falava da necessidade de proteção à infância, colocando essa ação como prioritária a todas as outras obras patrióticas⁸⁹. A Assembleia Constituinte, que resulta no artigo 141 da Constituição de 1934, tornou obrigatório o amparo à infância em todo o território nacional⁹⁰. O debate sobre a necessidade de políticas nacionais de amparo à infância perdurou, ganhando destaque nos anos seguintes.

⁸⁵ VIANNA, Adriana de Resende B. Internação e domesticidade: caminhos para a gestão da infância na primeira república. In: GONDRA, J. G. (org.). **História, Infância e Escolarização**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002, pp. 31

⁸⁶ MARIANO, Hélvio Alexandre. A constituinte de 1933/34 e o processo de construção das políticas de assistência à infância e o amparo à maternidade no Brasil. **Temas & Matizes**, Toledo, v. 8, n. 16, p. 115-140

⁸⁷ *Ibidem*, pp. 115

⁸⁸ *Ibidem*, pp. 122

⁸⁹ *Ibidem*, pp. 136

⁹⁰ *Ibidem*, pp. 138

Para além de compreender as mudanças judiciais do amparo à infância, é necessário entender o terreno de discussão médico e quais soluções eram almejadas nesse campo. No artigo “Combatendo a “arte de perverter” e ensinando a de “modelar espíritos”: lições de psicanálise para educadores (anos 1920/30)”, de Ana Maria Bandeira de Mello Magald, fica evidente como nas décadas de 1920/30 os médicos situam em um lugar de destaque na cena política e cultural brasileira. Nesse sentido, destaca-se o discurso preventista, que abria espaço para que a ciência médica interviesse em ações que visavam “normatizar” a sociedade. Dessa forma, Magald mostra o sentido eugênico de concepções de médicos como Júlio Porto Carrero, um psiquiatra que partilhava das concepções da Higiene, entendendo a “[...] sociedade como “corpo social”, portador de doenças ou sujeito a elas, e da importância da intervenção sobre o contexto social de maneira eminentemente preventiva.”⁹¹

Outro ponto que Porto Carreiro tocava diz respeito às chamadas “neuroses”, defendendo que estas resultam em grande parte de erros que os adultos cometem durante a formação das crianças e jovens. Portanto, esses adultos seriam os responsáveis pela perversão dos seus filhos e também pelo aparecimento de neuroses e anomalias nos mesmos. Isso era intensificado com relação às mães, sendo estas alvo de estratégias voltadas a medidas de “formação apropriada das famílias”⁹². Entretanto, Magald mostra que para o Porto Carreiro, o Estado e a escola deveriam ser as instâncias fundamentais para a missão educativa aplicada a jovens e crianças, que repercutiria em suas vidas adultas bem como nas suas futuras famílias.⁹³

Portanto, a concepção médica de Porto Carreiro pretendia modelar crianças e jovens para que a própria sociedade brasileira fosse modelada, ou seja, segundo as próprias palavras do médico: “melhorar a nossa raça”, de maneira que “o crime deixará de existir”⁹⁴. Dessa forma, as ideias médicas e científicas do período aparecem também na questão da criminalidade infantil, o que é possível perceber no artigo “Internação e domesticidade: caminhos para a gestão da infância na Primeira República”, de Adriana de Resende Barreto Vianna. Segundo a autora, menores abandonados poderiam ser tomados como “caso de polícia”, sob a justificativa

⁹¹ MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Combatendo a “arte de perverter” e ensinando a de “modelar espíritos”: lições de psicanálise para educadores (anos 1920/30). **Revista Teias**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 9 pgs., ago. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23886>>. Acesso em: 16 out. 2021, pp. 2

⁹² Ibidem, p. 4-5

⁹³ Ibidem, pp. 7

⁹⁴ Ibidem, pp. 8

de ser percebido neles um “perigo a se concretizar”, tal perigo poderia ser, como a ciência colocava, por “predestinação biológico-hereditária”, ou por “determinação social”⁹⁵.

Porém, qual era o destino desses meninos e meninas, quando recolhidos na rua pela polícia? Segundo Vianna, esse destino era variado, sendo que esses menores poderiam ser internados em diferentes instituições. Isso também estava ligado a uma classificação muito presente na perspectiva policial, em que menores poderiam ser enquadrados como abandonados, vadios ou responsáveis por pequenos furtos, por exemplo. Ou seja, esses meninos eram enquadrados entre os extremos de “estarem em perigo” e “serem perigosos”, com várias gradações.⁹⁶

Quanto às instituições que estes eram encaminhados, havia, por exemplo, o encaminhamento em escolas correcionais e colônias correcionais, entre outras. Vianna exemplifica duas dessas instituições em seu artigo:

“[...] a Escola Premonitória Quinze de Novembro e a Colônia Correcional de Dois Rios. Enquanto a primeira propunha-se a ser um centro modelar na transformação dos menores recolhidos em “cidadãos úteis a si e aos outros”, nos dizeres de seu diretor, Franco Vaz, a segunda, como já mencionado, obedecia basicamente ao perfil de uma instituição de detenção e internação de criminosos.”⁹⁷

Importante ressaltar que poderia existir intercâmbio de menores de uma instituição para outra. Essa possibilidade de intercâmbio entre instituições é presente em *Capitães da Areia*, na medida em que os personagens apresentam o sentimento de receio sobre o lugar para onde poderiam ser encaminhados forçadamente pelas autoridades, sendo uma preocupação recorrente de meninos e meninas em meio às políticas de internação, bem como um ponto de questionamento. Jorge Amado tece críticas ao reformatório de menores como solução para a criminalidade infantil, mostrando o aspecto desumano da instituição, destacando isso principalmente no capítulo “Reformatório”, quando o personagem Pedro Bala é transferido para a instituição, após ser capturado pela polícia.

Algo que também aparece no romance, são os destinos de meninas, pautados na pedagogia do trabalho, porém por meio do trabalho doméstico. A partir da década de 1920, era comum o encaminhamento de meninas, em situação de abandono, para asilos ou para casas de

⁹⁵ VIANNA, Adriana de Resende B. Internação e domesticidade: caminhos para a gestão da infância na primeira república. In: GONDRA, J. G. (org.). **História, Infância e Escolarização**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002, pp. 30

⁹⁶ Ibidem, pp. 28-29

⁹⁷ Ibidem, pp. 30

terceiros, este último não significava uma adoção, mas um laço de trabalho entre a menor e seu responsável. Esta era uma das medidas de ajustamento social, porém, mesmo tendo direito a um salário, este só era entregue à menina após ela atingir a maioridade. Fugas de lares de terceiros eram uma das formas de resistência dessas menores. Quando essas fugas ocorriam, poderiam também ser internadas em asilos de menores abandonadas, ou encaminhadas para outras casas, ou até poderiam voltar para a casa de onde haviam saído⁹⁸.

Dessa forma, segundo Vianna, o binômio casa/ trabalho era tomado como ordenador.

Ou seja:

Tanto nos casos de internação de menores em instituições ligadas à polícia, quanto nos casos de sua inclusão em redes domésticas, o que estava em jogo era a construção de expedientes e mecanismos de controle de seres sociais considerados potencialmente perigosos.⁹⁹

Após 1923, essas negociações sobre a alocação de menores aconteciam no Juizado de Menores, sendo que em depoimentos protocolares, é evidente como esses meninos e meninas eram vistos como seres “fora do lugar”.¹⁰⁰ As tentativas de substituir esse “não lugar” pelo lugar de trabalho é presente na linguagem partilhada pelas diferentes pessoas envolvidas no processo de internação de menores. Não apenas entre os adultos, mas o argumento pautado na lógica do trabalho também era utilizado como mecanismo de defesa pelas próprias crianças e jovens, quando colocados em suspeição. No próprio enredo de *Capitães da Areia*, Sem-Pernas utiliza desse recurso para enganar senhoras que moravam em casas que os Capitães da Areia planejavam furtar os bens. A personagem afirma para uma senhora que: “Se eu ainda aguentasse o repuxo do trabalho, ia me arranjar. Mas com esse aleijão só mesmo numa casa de família”¹⁰¹ Essa mesma lógica aparece na personagem Pirulito, o capitão da areia mais cristão e de acordo com as normas sociais, o menino é descrito por Jorge Amado como aquele que só não evita furtos, pois era o meio de vida dos Capitães da Areia, mas que gostaria de sobreviver de outra forma: “Pensava mesmo em arranjar um lugar de vendedor de jornais para fugir do pecado diário do furto.”¹⁰²

⁹⁸ VIANNA, Adriana de Resende B. Internação e domesticidade: caminhos para a gestão da infância na primeira república. In: GONDRA, J. G. (org.). **História, Infância e Escolarização**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002, pp. 34

⁹⁹ Ibidem, pp. 39

¹⁰⁰ Ibidem, pp. 34

¹⁰¹ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 116

¹⁰² Ibidem, pp. 180

Portanto, ao estudar esse tema, é de suma importância voltar à questão do trabalho. No artigo “Pequenos trabalhadores do Brasil” de Irma Rizzini, assim como em outros estudos sobre o tema, a autora mostra como a noção de trabalho era utilizada como medida de “combater a vagabundagem e a criminalidade” entre crianças e jovens. Segundo a autora, o trabalho infantil, mesmo quando era percebido como degradante, não deixava de ser necessário para a manutenção financeira de muitas famílias, como ainda é hoje. Além disso, era visto também por muitos pais e mães como uma forma de evitar destinos indesejados para suas crianças, como a criminalidade¹⁰³. Entretanto, isso não significou, mesmo que fosse interesse das autoridades, que esses meninos e meninas das classes pobres ficassem imóveis, ou melhor, móveis apenas para o trabalho, diante do maquinário de medidas sobre a infância o qual poderiam ser submetidos. Nesse sentido, como aparece no romance *Capitães da Areia*, havia diferentes formas desses meninos lidarem e resistirem à essa situação.

2.2 – Os “pivettes” nas páginas da Imprensa

Para entender melhor a história da infância, é fundamental a análise de fontes históricas que possam indicar não somente quais eram as medidas das autoridades sobre a infância pobre e a criminalidade infantil. Além disso, é de suma importância entender como as crianças aparecem nessas fontes. Portanto, a pesquisa utilizou a Imprensa como fonte histórica por várias razões. A primeira delas está no fato de que Jorge Amado utiliza a linguagem jornalística como mote inicial de *Capitães da Areia*, assim, o autor traz notícias ficcionais como elemento fundamental na narrativa. A segunda razão está no próprio fato de Jorge Amado estar inserido no meio jornalístico, assim como muitos outros literatos contemporâneos a ele. O autor trabalhou em diferentes jornais, como repórter policial, redator e também dirigiu periódicos ao longo da sua vida. A terceira razão está no fato de que a Imprensa é uma fonte histórica fundamental para entender o que estava acontecendo no cotidiano de meninos e meninas como as personagens de *Capitães da Areia*.

Entendendo melhor como esse jornalismo aparece, o livro inicia justamente com uma notícia, no capítulo “Cartas à redação”:

¹⁰³ RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: PRIORE, M. del (org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 211

CRIANÇAS LADRONAS — AS AVENTURAS SINISTRAS DOS “CAPITÃES DA AREIA” — A CIDADE INFESTADA POR CRIANÇAS QUE VIVEM DO FURTO — URGE UMA PROVIDÊNCIA DO JUIZ DE MENORES E DO CHEFE DE POLÍCIA — ONTEM HOUE MAIS UM ASSALTO. “Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe.”¹⁰⁴

Esse trecho inicial da notícia que inaugura o livro trata-se de cartas à redação de um jornal do romance, o *Jornal da Tarde*. Nesse momento do livro, aparecem diferentes setores da sociedade colocando sua opinião na Imprensa: primeiro há a notícia em si do furto feito pelos Capitães da Areia, a carta do secretário do chefe de polícia ao jornal, a do Juiz de menores, a de uma mãe (que é costureira), a do padre José Pedro e a do diretor do reformatório. Dessa maneira, o autor mostra conflitos entre diferentes atores sociais a respeito da temática criminalidade infantil. Além disso, ele mostra inclusive as escolhas do próprio jornal, que deixa bem evidente as hierarquias, selecionando a relevância de cada uma dessas vozes.

No romance, isso aparece, por exemplo, nos parênteses após as notícias, que informam a própria localização delas e despertam a memória de um leitor de jornal. A carta do secretário do chefe de polícia à redação do *Jornal da Tarde* tem a frente a legenda em parênteses: “Publicada em primeira página do *Jornal da Tarde*, com clichê do chefe de polícia e um vasto comentário elogioso”¹⁰⁵. Ou seja, de acordo com a hierarquia de importância da estruturação das páginas do jornal, a relevância da carta do secretário do chefe de polícia é grande, enquanto a carta de uma mãe costureira à redação já aparece da seguinte forma: “Publicada na quinta página do *Jornal da Tarde*, entre anúncios, sem clichês e sem comentários”¹⁰⁶

O que o enredo deixa explícito é que a carta da costureira Maria Ricardina é colocada em um local de menor relevância no jornal, ficando em uma das últimas páginas, que normalmente é reservada para anúncios que não apareceram no corpo das primeiras páginas. Como jornalista, Jorge Amado estava ciente dessas hierarquias, usando isso na sua literatura. Portanto, não é de interesse daquele jornal dar mais destaque à mãe que questiona a administração do reformatório, do que ao diretor desta instituição. A questão de quais vozes eram escutadas aparece ao longo do livro de diferentes formas, inclusive se tratando das vozes dos próprios Capitães da Areia.

¹⁰⁴ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 9

¹⁰⁵ Ibidem, pp. 17

¹⁰⁶ Ibidem, pp.16

Nesse sentido, é importante, primeiramente, localizar o contexto em que a história se passa para compreender um pouco do cotidiano descrito no romance. Levando em consideração que o tempo do enredo corresponde ao mesmo momento em que o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, percorria os estados do Nordeste, mesmo que anos não sejam definidos pelo autor, é possível entender que a história se passa entre a década de 1920 e a de 1930, momento em que o próprio Lampião circulava na Bahia. Dessa forma, é preciso consultar jornais desse período, procurando as colunas das páginas dos jornais onde aparecem essas crianças moradoras de rua e quais são as suas histórias do ponto de vista da Imprensa do período.

Ao ler algumas dessas notícias, é possível perceber que meninos como as personagens de *Capitães da Areia* estavam o tempo todo aparecendo nas colunas policiais, seja de forma breve, com pequenas notícias em lugares mais escondidos das folhas, seja nas primeiras páginas, com fotos suas expostas e em notícias com títulos grandes e chamativos. A intenção ao procurar esses meninos nas folhas, não é comparar a realidade deles com a história ficcional do livro. Como já explicitado, o que interessa não é mostrar em que medida Jorge Amado se refere à realidade de crianças que vivem dos furtos, mas entender que o autor não cria suas personagens de maneira alheia à realidade. Um capitão da areia poderia ser como muitos dos meninos que o próprio autor vê no dia a dia nas notícias e nas ruas. Jorge Amado havia trabalhado como repórter policial, portanto, essas crianças poderiam facilmente estar inseridas no cotidiano desse autor de diferentes formas.

Focando nessas notícias, primeiramente, ao procurar sobre menores nas colunas policiais, é perceptível que o uso da palavra “pivettes” para se referir a menores que cometem crimes é muito utilizado na linguagem jornalística. A palavra “menor” também é utilizada para se referir a esses meninos e meninas, mas não com o mesmo sentido criminalizante, enquanto a palavra “criança” é utilizada em publicações voltadas para produtos infantis, por exemplo, e em contextos que poucas vezes se referem a crimes cometidos por esses sujeitos.

Portanto, ao procurar o termo “pivettes” nessas notícias na Biblioteca Nacional Digital, é perceptível que a palavra aparece predominantemente em colunas policiais, a exemplo de uma notícia do jornal *O Imparcial* do Rio de Janeiro, de 19 de julho de 1920, que se encontra na terceira página, ocupando a primeira e a segunda coluna da folha, com títulos escritos em

tamanho grande, descritos da seguinte maneira: “os ladrões precoces: uma quadrilha de “pivettes” nos subúrbios: a prisão de dois dos seus membros”.

A notícia fala do grande número de “pivettes” nas cidades e a grande quantidade de queixas sobre crimes cometidos por eles, explicando como esses sujeitos empregam-se em casas de famílias e depois realizam um saque junto a outros menores das casas onde foram empregados, em seguida fogem com sua quadrilha. Essa notícia também explica como a criação dos patronatos¹⁰⁷ ajudou a diminuir essa classe de ladrões, afirmando que “Assim que a polícia lhes deitava a mão, eram elles enviados para aquelas instituições de onde só saíam, quando aprendiam um ofício que lhes facilitasse a vida honesta.”¹⁰⁸ Nesse trecho fica evidente o que estamos afirmando sobre as políticas voltadas à menores, que é o fato de o trabalho ser o tempo todo colocado como solução para regenerar crianças.

Após esse posicionamento acerca do “papel da polícia”, a notícia começa a falar sobre a quadrilha de menores: “Existe, atualmente, entre muitas outras, uma quadrilha de larápios que opera nos subúrbios, constituída exclusivamente, por pequenos de 11 a 14 anos apenas.”¹⁰⁹ Em seguida, o roubo é explicado:

Foi há, mais ou menos, seis meses. Quatro garotos, todos eles aparentando ter a idade de 11 a 14 anos, passavam pela porta de uma padaria nos subúrbios quando viram o dono do estabelecimento contando dinheiro à porta de um cofre estando este aberto. Teve logo o “capitão” da quadrilha uma ideia, fingindo-se muito doente, quase sem poder falar, ele entrou na casa e pediu ao negociante um pouco d’água.¹¹⁰

Em seguida, ao final da notícia, a providência das autoridades é explicitada: “Pedro Santos e Mario da Silva Gomes, os infelizes menores, vão ser desviados do mal caminho em que estão, pela polícia que os vai internar num asilo, se os não mandar para um patronato.”¹¹¹ Notícias como estas aparecem em grande quantidade nos jornais de grande circulação. Entre as notícias encontradas a partir do termo “pivettes”, muitas apresentam o nome dos menores, descrição do crime e ao final a intervenção que será feita sobre essas crianças. Normalmente,

¹⁰⁷ No Brasil do início do século XX, Escolas de Aprendizes Artífices foram instituídas nos setores urbanos, enquanto Patronados Agrícolas foram instituídos nos setores rurais. Ambos tinham como objetivo promover ensino profissionalizante, tentando moldar menores para o trabalho. Segundo Irma Rizzini, na década de 1920, a falta de braços para a agricultura levou à criação de colônias agrícolas no país, em defesa de que “a criança é o melhor imigrante”. Era por meio do Departamento Nacional de Povoamento que funcionavam os patronatos agrícolas, colônias que recebiam e atendiam crianças recolhidas nas ruas, em prol da ideia de formar o trabalhador nacional. (RIZZINI, 1999, pp. 208)

¹⁰⁸ *O Imparcial* (RJ), Segunda-feira, 19 de julho de 1920.

¹⁰⁹ *Idem*

¹¹⁰ *Idem*

¹¹¹ *Idem*

assim como aparece no exemplo citado, os menores são encaminhados para instituições voltadas para a “regeneração”, no sentido disciplinador.

A notícia citada se destaca pelo seu tamanho e por estar nas primeiras páginas, assim como a notícia do reformatório que aparece no livro, em que o autor indica: “O *Jornal da Tarde* trouxe a notícia em grandes títulos. Uma manchete ia de lado a lado na primeira página”¹¹². Portanto, como já mencionado, Jorge Amado faz questão de criar situações em que as notícias aparecem nas primeiras páginas, mas também mostra o que aparece como notícias menores. No capítulo “Notícias de jornal” do romance, o autor traz uma sequência de notícias que aparecem no *Jornal da Tarde*, mostrando tanto notícias que ganharam grande espaço, quanto “fatos policiais sem importância”, segundo as palavras do próprio autor. Em seguida, o livro traz a notícia de um malandro chamado Boa-Vida que abriu a cabeça de um indivíduo com uma garrafa de cerveja e que está sendo procurado pela polícia. Tal notícia refere-se ao próprio personagem Boa-Vida, que quando criança foi do bando dos Capitães da Areia.

Folheando jornais que percorrem a década de 1920 e 1930, é possível perceber que é comum existirem colunas intituladas “Fatos Policiais” em que há nomes de menores que praticaram algum furto, informando onde moram, como são conhecidos entre eles (apelidos, assim como existe entre os Capitães da Areia de Jorge Amado). Esses meninos e meninas aparecem de forma quase imperceptível nas últimas páginas de jornais, cada um possuindo sua história, que nem sempre é conhecida pelo público. São sujeitos que aparecem descritos conforme o olhar de quem a escreveu, sem detalhar muito sobre a vivência do menor. O que é diferente do olhar que vemos em *Capitães da Areia*, em que há a história de cada um do bando de crianças, seus anseios e expectativas, porém, tudo isso aparece a partir de limites da intenção e do olhar adulto de Jorge Amado. As notícias trazidas pelo escritor aparecem de acordo com a perspectiva de quem está de fora, e não dos meninos e meninas do grupo, havendo no máximo cartas à redação com opiniões do padre José Pedro, que constrói laços com eles e a costureira, que possui um filho que passou pelo reformatório.

Algo importante ao nos voltarmos para o estudo de jornais, é perceber seu público não apenas como aqueles leitores alfabetizados que compram o jornal, mas também os que o leem por meio da leitura coletiva. Em vários momentos do romance, Professor, que é um dos meninos do bando dos Capitães da Areia, aparece lendo as notícias de jornal para o restante das crianças,

¹¹² AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 191

sendo que mais de uma vez Volta-Seca, que também fazia parte do grupo, pede para que o amigo leia notícias sobre Lampião. Portanto, esses trechos levam à reflexão sobre como os mesmos meninos e meninas que estão o tempo todo aparecendo nas colunas policiais da Imprensa, podem também estar atentos ao que estava acontecendo à sua volta, lendo seus próprios nomes nas notícias e reagindo a isto, vendo inclusive a sua própria imagem nessas folhas, por meio de fotografias das reportagens.

Outro ponto importante também é entender de onde vem a linguagem das notícias mostradas no livro e das próprias personagens que entram em confronto com a vida que levava os Capitães da Areia. Portanto, adentrando melhor essas notícias que tanto estavam aparecendo sobre esses menores, referencio a de 20 de janeiro de 1927 do *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), que era um jornal de grande circulação do período. Na seção “Na Polícia e nas ruas”, na segunda coluna da folha na página onze, é noticiado que: “O “pivette” escondeu-se no monumento”. A notícia conta sobre um “pequeno gatuno” que furtou a carteira de Margarida Araújo na praça 15 de Novembro. Após concluído o roubo, com ajuda de outro sujeito, o menino corre para dentro de um monumento localizado naquela praça, outros meninos também correm para a mesma direção. Os guardas civis foram chamados e prenderam os quatro meninos. De acordo com a notícia, a atitude dos guardas foi a seguinte: “conseguiram prender os quatro “pivettes”, tendo para isso necessidade de amedrontá-los, disparando tiros para o ar.”¹¹³. Trata-se de menores entre 12 e 16 anos que foram remetidos para o Juízo de Menores.

Assim como acontece com os Capitães da Areia, os meninos da notícia também tinham um local que costumavam dormir, mas não se tratava de um trapiche abandonado, e sim do monumento referido: “Na delegacia do 1º Distrito policial, os quatro “pivettes” declararam que no interior do monumento da Praça 15 de Novembro costumavam pernoitar cerca de 15 menores ladrões.”¹¹⁴ Esse trecho mostra uma das formas que crianças ocupam o espaço público nas cidades. Entretanto, a atitude da guarda civil é retirar imediatamente essas crianças do ambiente público e encaminhá-las para o juízo de menores.

A forma com que as crianças que circulam nas ruas eram tratadas na Imprensa também aparece em uma notícia de um jornal da Bahia (estado em que se passa o romance), que nos permite entender pontos importantes da disputa espacial entre as classes. A notícia foi publicada

¹¹³ *Jornal do Brasil* (RJ), 20 de janeiro de 1927.

¹¹⁴ *Idem*

no jornal *A Capital (BA)*, no dia 4 de dezembro de 1926, logo na segunda página, ocupando a segunda coluna com o seguinte título: “Menores desocupados: O Largo de São Francisco transformado em campo de futebol”. A notícia se passa em Salvador (cenário do enredo de *Capitães da Areia*), justamente onde fica a Igreja e Convento de São Francisco. Ela inicia afirmando que a guarda civil da cidade estaria descuidando um pouco nos cumprimentos dos seus deveres, o jornal coloca isso como uma das causas de haver “menores desocupados” que transformaram o Largo de São Francisco em um campo de futebol.

Em seguida, a notícia apela para o incômodo dos devotos católicos que passam pelo local “[...] a fim de cumprirem suas devoções católicas, já não o fazem tranquilamente, pois a bola irrequieta, atirada violentamente de um lado para o outro do referido largo, de quando em vez, lhos vai tolher o livre trânsito, amarrotando, ou melhor, emporcalhando-lhes quase sempre a roupa.”¹¹⁵ A apelação à polícia retorna na notícia, que afirma que naquele momento o policiamento nas vias públicas estava sendo feito mais regularmente do que antes.

Portanto, essas notícias possibilitam a reflexão sobre as relações de poder na sociedade em que o escritor escreve, sobre os incômodos das classes dirigentes quando avistam menores circulando e praticando o roubo, ou em atividades de lazer, como na notícia do jornal baiano. O romance apresenta essas questões em diferentes situações. Além disso, é possível perceber os contrastes sociais no próprio corpo do jornal, em que a palavra “criança” aparece em muitas propagandas com ilustrações de meninos e meninas brancos, rechonchudos e com roupas características de crianças da elite, que dividem espaço no mesmo jornal com aquelas que aparecem nos “fatos policiais de pouca importância”. O uso da própria palavra “criança” na Imprensa também é menor nas notícias de crimes cometidos pelas mesmas do que em outros tipos de notícias, tirando o próprio sentido de infância desses meninos e meninas que vivem de furtos e ignorando a própria humanidade deles.

¹¹⁵ *A Capital (BA)*, 4 de dezembro de 1926.

CAPÍTULO III – A temática da infância em *Capitães da Areia*

3.1 – Quem são os Capitães da Areia? Meninos ou homens?

Nesta primeira parte do presente capítulo, as personagens principais do livro serão apresentadas com o intuito de entender de que maneira Jorge Amado escreve sobre essas crianças e adolescentes. Primeiramente, acompanharemos a caracterização geral do grupo dos Capitães da Areia. Em seguida, a personagem principal, Pedro Bala, será analisada devido à sua importância no andamento do objetivo principal do livro. Depois desse passo, baseando-se nos destinos de cada personagem, trataremos alguns grupos com base naquilo que se tornaram com o andamento dos anos no enredo. Por fim, apresentarei as personagens Sem Pernas e Dora, que possibilitam as principais reflexões sobre infância e maternidade.

O livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, gira em torno da história de um grupo de menores que dormem em um trapiche abandonado na cidade de Salvador, na Bahia. As escolhas que o escritor realiza nas caracterizações deles não é determinada apenas pelo fato de serem crianças e adolescentes, sendo cada um construído com a sua complexidade particular. Porém, antes de adentrar nas personagens, é necessário entender o que os une como um grupo, como são vistos e de que forma eles próprios se enxergam. São apresentados no livro como crianças abandonadas que sobreviviam de furtos, sendo que o autor não indica o número exato de meninos que faziam parte dos Capitães da Areia, afirmando haver cerca de mais de cem meninos. Tratam-se de “[...] meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos”¹¹⁶.

Segundo o jornal fictício que aparece ao longo do enredo, são conhecidos por “Capitães da Areia”, pois o cais é o quartel-general deles. Todos partilham das seguintes condições: são menores de idade, vivem nas ruas sem os cuidados de um adulto, são oriundos da classe baixa. Entretanto, a maneira como esses meninos são descritos na própria narração de Jorge Amado é instável. Por vezes contrariam totalmente o estereótipo de crianças puras e inocentes: “Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.”¹¹⁷. São meninos que lidavam com os mesmos problemas

¹¹⁶ AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 26

¹¹⁷ *Ibidem*, 2009, pp. 27

de homens adultos e por vezes eles próprios não se viam como as outras crianças, como aparece, a seguir, no fluxo de consciência da personagem Pedro Bala: “Não tinham também conversas de meninos, conversavam como homens. Sentiam mesmo como homens”¹¹⁸.

Ao longo do enredo surgem visões de diferentes participantes da sociedade, que validam ou não a presença da infância nesses meninos e isso varia conforme a posição que o sujeito adulto ocupa na hierarquia social. No olhar adulto da classe dominante e de fora do grupo, são pequenos malandros e ladrões, enquanto isso, crianças ricas recebem automaticamente o sentimento de piedade, sendo consideradas naturalmente inocentes. Como mencionado no capítulo anterior, a questão da inocência infantil deve ser pensada como uma construção histórica, segundo Philippe Ariès, essa noção é fruto de uma grande mudança nos costumes que ocorreu durante o século XVII, quando se começou realmente a falar na fragilidade da infância.¹¹⁹ Isso se deu em decorrência de uma farta literatura moral e pedagógica e de práticas de devoção de uma nova iconografia religiosa, sendo defendida a necessidade de proteger a infância do que era considerada a “sujeira da vida”. Além disso, no século XX, há a associação da infância ao irracionalismo¹²⁰, contribuindo para o preconceito no olhar adulto sobre jovens e crianças.

Entretanto, entre eles, os Capitães da Areia se viam como um grupo organizado, o que de fato era, possuindo suas próprias regras de lealdade. Formavam inclusive uma rede de proteção como grupo, se protegendo da situação de abandono:

Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro.¹²¹

Jorge Amado realiza um movimento constante em que esses personagens oscilam entre traços socialmente vinculados à infância e traços de homens adultos, algo que gera incômodo a personagens como as beatas, o redator do *Jornal da Tarde*, o diretor do reformatório, o cônego e à polícia, por exemplo. O autor expõe o desamparo desses adultos com relação aos menores abandonados, no intuito de denunciar a desigualdade de classe, tema predominante na obra

¹¹⁸ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 235

¹¹⁹ ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, pp. 116

¹²⁰ Ibidem, pp. 146

¹²¹ Ibidem, pp.106

Capitães da Areia, como em muitas outras de Jorge Amado. Portanto, ao analisarmos um livro escrito por um adulto que escolhe como protagonistas as crianças que não vivem no seio de uma família nuclear e que infringem a lei, diversos aspectos devem ser considerados. As questões de classe, raça e gênero implicam na história da infância, conseqüentemente, aparecem na obra, tanto na forma explícita quanto na forma implícita.

Todavia, antes de adentrar nessas questões, é preciso conhecer o aspecto humano da obra trabalhada, ou seja, como o autor escolhe construir suas personagens, especialmente o grupo dos Capitães da Areia. Essas escolhas não podem ser vistas como iniciadas de um quadro em branco do pensamento do autor, pois possuem seu grau de condicionamento baseadas no momento histórico e no lugar em que o escritor está inserido como um intelectual defensor da luta proletária. Observando as transformações de cada criança do livro, é possível perceber que Jorge Amado faz o movimento de transformação em cada um desses meninos. A própria escolha de escrever sobre pessoas em fase de crescimento e desenvolvimento é mobilizada a favor deste tipo de enredo, pois cada criança do livro é projetada de acordo com seus destinos e com objetivos centrais do livro.

Pedro Bala e a transformação de destinos

Os nomes da maioria das crianças do grupo aparecem na forma de apelidos: Pedro Bala, Dora, Sem Pernas, Professor, João Grande, Gato, Pirulito, Boa Vida, Volta Seca são as personagens que mais aparecem ao longo do livro e serão aqui apresentadas. Pedro Bala (apelido dado a ele devido a sua agilidade em combate) é o chefe dos Capitães da Areia, é branco, loiro e possui entre catorze e quinze anos. Sabia pouco sobre a sua mãe e o pai faleceu, quando Pedro ainda tinha cerca de quatro anos. No capítulo “Docas”, a partir da conversa com trabalhadores das docas e com uma senhora idosa negra que vendia laranjas e cocada, Pedro descobriu quem foram seus pais, por meio da narração das memórias dessas pessoas. A vendedora dá pistas sobre a mãe de Pedro: “Corria uma história que teu pai tinha furtado ela de casa, que ela era de uma família rica lá de cima. — e apontava a cidade alta. — Morreu quando tu nem tinha seis meses.”¹²². Ou seja, a mãe de Pedro Bala poderia ter sido uma das muitas

¹²² AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 83

mulheres que eram seduzidas e raptadas no início do século XX e que apareciam aos montes nas notícias de crimes nos jornais diários, inclusive nas próprias colunas policiais que aparecem casos de menores infratores¹²³.

Quanto ao pai de Pedro, era um grevista chamado Raimundo, conhecido como “Loiro”. Este morreu na greve, quando recebeu uma bala no dia em que a cavalaria enfrentou os grevistas. A jornada da fuga de Pedro inicia, quando tinha cerca de quatro anos, migrando de uma casa para outra até que fugiu e ninguém das docas teve notícia da criança, apenas quando este se torna chefe dos Capitães da Areia. Algumas descrições chamam a atenção a respeito desta personagem, o autor mostra como Pedro sabia planejar os trabalhos, tratar com os outros e tinha nos seus olhos e na sua voz a autoridade de um chefe. Além disso, houve reconhecimento dos direitos de Pedro Bala à chefia dos Capitães da Areia, após ele enfrentar o antigo chefe do bando. É dessa maneira que Jorge Amado idealiza a personagem que, ao final do livro, tornase um importante grevista, como seu pai, intervindo em comícios, greves e lutas obreiras e lutando pelos direitos dos operários.

O caminho da trajetória de Pedro Bala está presente no livro inteiro, com a personagem saindo do lugar de chefe de crianças que viviam de furtos e atividades criminosas, para um militante proletário organizador de greve, dirigente de partidos ilegais. Ele continua sendo perseguido pela polícia, pois desafia o sistema vigente. Ao longo do enredo, o fluxo de consciência de Pedro caminha para o desejo de transformação, de luta e de interesse em viajar pelo mar como os trabalhadores das docas, mesmo antes de saber que seu pai era um grevista trabalhador marítimo. Em diversos momentos, ele é descrito como alguém com vocação natural para a greve, mesmo sem saber o real significado dela. Portanto, a vontade de luta a partir da militância marca a personagem, sendo este o aspecto que Jorge Amado enaltece para a construção do herói que contribuiria para a transformação de destinos de crianças abandonadas, quando se tornasse grevista.

É de suma importância começar com esse personagem devido à formação política de Jorge Amado como um militante comunista, como já explicitado no Capítulo I deste trabalho,

¹²³ É importante ressaltar que tratamos de uma sociedade que ainda valorizava intensamente a virgindade da mulher antes do casamento, o que se estendia para as leis. Portanto, segundo o Código Penal de 1890, que vigorava ainda no período em que o livro foi publicado, configurava como crime com pena de prisão celular por um a quatro anos: “Art. 270: Tirar do lar doméstico, para fim libidinoso, qualquer mulher honesta de maior ou menor idade, solteira, casada ou viúva, atraindo-a por sedução ou emboscada, ou obrigando-a por violência, não se verificando a satisfação dos gozos genésicos.” (BRASIL, 1890). Este artigo foi um dos que não sofreu modificação até 1940.

em enfrentamento à ditadura varguista, momento em que o livro é publicado. Os traços do posicionamento político do escritor permeiam toda a obra, ordenando o fechamento do enredo. Esse traço marcante de *Capitães da Areia*, bem como de outras obras do autor, está relacionado com a questão da infância, ligado à questão de classe, como será aprofundado nos subcapítulos seguintes. A transformação da sociedade, objetivo final do livro, tem profunda relação com a transformação dos próprios meninos em adultos crescidos.

Pedro Bala, assim como os outros, resiste às medidas de regeneração de menores, embora tenha chegado a ir para o reformatório e passado por grande repressão e castigos, medidas disciplinadoras estas que caracterizam o próprio período em que o livro foi escrito.

Pedro, como também outros menores, tem consciência dos destinos que poderiam ter ao se envolver com atividades criminosas, fazendo o possível para driblar isso. O menor sabia que se descobrissem que ele era o chefe dos Capitães da Areia, talvez nem para o reformatório seria levado, mas poderia ser encaminhado para a penitenciária onde seria mais difícil de fugir, além de ser o local onde estão criminosos adultos e esses riscos eram um receio presente na sua consciência.¹²⁴ Também tinha a noção de como as instituições puniam meninos como ele e que o nível da punição, na prática, não era menor por ele ainda estar na menoridade. Pedro Bala não era tratado como um menino pela polícia no sentido de piedade, tinha consciência que os Capitães da Areia quando são presos apanham de surras tal qual homens crescidos.

Portanto, a sociedade só enxergava esses meninos como crianças, quando isso era interessante, por exemplo, para desqualificar a racionalidade de menores que viviam do crime. A luta pela liberdade é muito presente na personagem Pedro Bala, que resiste à repressão de autoridades que pretendiam discipliná-lo de alguma forma e até rotulá-lo como alguém com feição criminosa, como aparece no seguinte trecho: “Por isso o diretor disse que tinha cara de criminoso. Não tem, não. Ele quer a liberdade.”¹²⁵ Portanto, é inegável a relação da vontade de

¹²⁴ A menção refere ao trecho que aparece no capítulo “Aventura de Ogum”: “Se chegassem a descobrir que ele era o chefe dos Capitães da Areia talvez nem para o reformatório o mandassem. Muito provavelmente iria direto para a penitenciária. Porque do reformatório se consegue fugir, mas da penitenciária não é fácil.” (AMADO, 2009, p. 100). Quando Pedro Bala decide ajudar a mãe-de-santo Don’Aninha, ele entende, como chefe dos Capitães da Areia, que se expor para a polícia era um grande risco, pois tinha como vantagem ainda não ser conhecido por ela, sendo apenas conhecido por raros guardas como moleque das ruas. Jorge Amado coloca o menino como um grande alvo de guardas e investigadores.

¹²⁵ AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 200

transformação de destinos presente no livro com a intervenção na infância, estando ela conforme os projetos vigentes do governo ou contrariando estes.

A questão da luta proletária e da infância, portanto, estão diretamente relacionadas, provocando os seguintes questionamentos: De que maneira a luta dos trabalhadores e a questão do trabalho no governo de Getúlio Vargas se relaciona com a temática proletária no livro? Qual a relação entre trabalho e infância? Ademais, por que Jorge Amado escolhe justamente um menino loiro e branco para ter vocação natural de grevista e não os outros a serem apresentados a seguir? Essas discussões serão levantadas posteriormente, em outro subcapítulo, sendo antes necessário compreender quem são os meninos e meninas envolvidos nesse enredo.

Gato, Boa-Vida e Volta Seca: o vigarista, o malandro e o cangaceiro

É fundamental questionar quem o autor escolhe para destinos que não atendem a expectativas transformadoras colocadas por Pedro Bala. Há personagens que, após crescerem e não fazerem mais parte dos Capitães da Areia, não têm seus destinos mudados da mesma maneira que os outros. Exemplo disso são as personagens conhecidas como Gato, Boa-Vida e Volta Seca. Gato possuía esse apelido por ser considerado entre eles o elegante do grupo, era branco e não vinha da casa de uma família aos moldes da época, mas sim do meio dos índios Maloqueiros, crianças que viviam nas pontes de Aracaju. Tinha entre treze e catorze anos e possuía relações amorosas com uma prostituta de trinta e cinco anos, Dalva. Quando Dora chega ao trapiche, enquanto a menina costura sua camiseta no corpo dele, Gato tem um momento de imaginação de que sua mãe que havia morrido voltou. Nesse momento ele se recorda que ainda é uma criança e por um instante esquece de Dalva¹²⁶. A ocasião em que Gato não pensa em Dalva é mais uma das formas de Jorge Amado contrastar o que é consideradas atitudes de criança e de adulto, complexificando sua personagem. O destino de Gato foi ser o mais jovem dos vigaristas da Bahia, “um jogador desonesto, um gilolô de mulheres”, segundo a descrição do livro na visão de Pedro Bala.

Boa-Vida possui treze anos, é “mulato” e tinha esse apelido, pois não gostava de trabalhar nem se preocupar muito, possuía amigos em muitos pontos da Bahia e costumava

¹²⁶ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 175

comer na casa dessas pessoas. Esta personagem é descrita como mais uma entre os malandros da Bahia: “Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da música, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de eira, navalhista, ladrão quando se fizer preciso.”¹²⁷ Em poucos momentos, exercia alguma contribuição financeira para os Capitães da Areia. A característica ociosa de Boa Vida é descrita da seguinte forma: "Mas realmente não gostava de nenhuma espécie de trabalho, fosse honesto ou desonesto."¹²⁸ A partir desse trecho pode-se concluir que Jorge Amado hierarquiza características esperadas de homens trabalhadores dentro do próprio grupo de menores que viviam de furtos, havendo aqueles que se aproximavam mais do estereótipo de “malandro” e aqueles mais próximos de um trabalhador ordeiro.

Meninos como Boa-Vida e Gato estão longe de estarem próximos ao projeto de trabalhador desejado pela república brasileira, que por mais que tenha mudado em aspectos importantes após 1930, se fundou na lógica da “ordem e progresso”, influenciando nos moldes desejados para um cidadão republicano. Além disso, a construção histórica do conceito de “malandro”, relacionada à questão da vadiagem, no Brasil contribui para a deslegitimação da infância em Boa-Vida pelo olhar adulto. À medida em que olhamos para cada personagem, é possível elaborar perguntas diferentes que serão levantadas ao longo do texto para serem respondidas em outro momento: De onde vem a categoria “mulato” e como isso influencia a visão de adultos sobre as crianças categorizadas dessa maneira? De que maneira a herança escravocrata contribui para a adultização de crianças negras no Brasil?

A personagem Volta seca, também descrito como “mulato”, tinha grande admiração por Lampião (que era seu padrinho) e seus atos criminosos. É descrito como um menino típico do sertão que não se sentia tão familiarizado com a cidade. Seu destino é justamente se tornar um dos membros do bando de Lampião e ser condenado a 30 anos de prisão por 15 mortes. A personagem Volta Seca é inspirada em um cangaceiro que de fato existiu, seu nome é Antônio dos Santos, fez parte do bando de Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião. Ao pesquisar notícias da década de 1930 em jornais populares, é possível achar muitas matérias sensacionalistas sobre Volta Seca. No jornal *A Noite* do Rio de Janeiro, no dia 26 de março de 1932, por exemplo, logo na segunda página do periódico há análises psicológicas descrevendo

¹²⁷ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 227

¹²⁸ *Ibidem*, pp. 69

o “perfil antropológico” e o “perfil psicológico” que tentam explicar possíveis motivações para o envolvimento do menor da criminalidade. Essa notícia mostra os resultados da avaliação do menor por um médico legista e é intitulada: “Desmantelando o bando de Lampeão: O perfil anthropologico de Volta Seca: “simples fenomeno de imitação”, afirma médico legista”.

A notícia citada está inserida em um contexto que não pode ser ignorado. Segundo Nancy Leys Stepan, no início do século XX, havia uma extrema preocupação dos psiquiatras brasileiros com os perigos que a doença mental e a denominada “patologia dos pobres” (crime, delinquência, alcoolismo, entre outros), representava para a sociedade¹²⁹. Ademais, havia estreitos contatos entre jornalismo, literatura e medicina e isso garantia à eugenia um lugar na Imprensa diária e semanal. A autora leva em consideração que “Entre as duas guerras mundiais, a eugenia esteve associada a uma série de congressos e conferências e à legislação social do bem-estar infantil, saúde materna, direito de família, controle de doenças infecciosas e imigração.”¹³⁰ Portanto, a questão da degeneração presente na perspectiva eugênica afetava a maneira como menores como Volta Seca eram descritos nos jornais.

A intenção ao trazer a Imprensa do período neste trabalho não é confirmar a veracidade da existência de Volta Seca, mas mostrar como Jorge Amado recorre à Imprensa também como fonte para sua escrita. Ademais, o autor de *Capitães da Areia* estava inserido no mundo dos periódicos, tendo trabalhado em diversos deles, como já mostrado neste estudo. O movimento efetuado pelo autor não pode ser pensado como uma cópia do mundo, por ele se utilizar de notícias reais como inspiração para sua escrita, mas trata-se de um exercício criativo em que ele recria da sua maneira a figura de Volta Seca em forma de criança do bando dos Capitães da Areia. Trata-se de um exercício imaginativo, mas também influenciado pelo tempo histórico, de recriação da infância de um cangaceiro, a partir da ficção.

Portanto, Gato, Boa Vida e Volta Seca tiveram destinos que são alvo de lamentação do próprio Pedro Bala, quando, ao ver o Gato ir embora do bando: “Pensa que se ele tivesse demorado mais algum tempo no trapiche, talvez não fosse um ladrão. Aprenderia com Alberto, o estudante, o que ninguém soubera lhe ensinar”. Neste trecho, Pedro Bala remete à

¹²⁹ STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>, pp. 343

¹³⁰ *Ibidem*, pp. 333

transformação, ao final do livro, dos Capitães da Areia em uma brigada de choque contra os traidores da greve. Dessa forma, é possível perceber a hierarquia moral colocada entre os próprios meninos do grupo dos Capitães da Areia, mesmo que o autor caminhe para a tentativa de mostrá-los como um grupo que possui também experiências em comum. Tais escolhas não anulam o caráter de denúncia da obra, especialmente contra a desigualdade de classes. Porém, é necessário questionar se, para além de escrever sobre a luta de classes, o escritor foca em denunciar a desigualdade racial e de gênero, por exemplo.

Pirulito, João Grande e Professor: o frade, o marítimo e o pintor

As personagens Pirulito, João Grande e Professor têm destinos que saem do padrão que eles próprios previam. Professor, por exemplo, em um momento conversando com Pedro Bala, de forma desiludida e raivosa, diz que do meio deles só poderia sair ladrões. Professor é o único entre os Capitães da Areia que sabia ler, lendo inclusive jornais e histórias para todos, coletivamente, como já mostrado no Capítulo II desta monografia, também é o único que passou algum período na escola. Ele também fazia desenhos, tendo uma vocação para a arte, por vezes desenhava pessoas na calçada que passavam por ele enquanto caminhavam, conseguindo, assim, até ganhar gorjetas dos que apreciavam o que viam. Ao final do livro, Professor se torna um pintor conhecido por criar retratos de menores pobres, o que se assemelha com a própria abordagem de Jorge Amado na literatura e de tantos outros artistas e escritores do período.

Pensando na hierarquia do grupo, Professor era quem Pedro Bala, o chefe, consultava várias vezes antes da execução de planos de roubo.

Pirulito oferece vida ao personagem religioso do grupo. Diferentemente do restante dos meninos, este personagem possui uma culpa religiosa em seu consciente de criança que vive no mundo do crime. Segundo a descrição do livro, é magro, alto, cara meio amarelada e a religião é o seu consolo. Sonha em um dia poder entrar no colégio que transformava homens em sacerdotes. Ele pensava em ter algum trabalho como vendedor de jornais, como maneira de fugir do pecado diário do furto. Ao final do livro, Pirulito torna-se um frade quando mais velho.

João Grande possui treze anos, é negro e descrito como o que mais possui força física do grupo. Seu pai era trabalhador, um carroceiro que sofreu um acidente, morrendo quando

Grande ainda era muito novo. Entre os Capitães da Areia, João Grande tornou-se um dos chefes, sempre participando das reuniões de planejamento dos furtos. Jorge Amado constrói essa personagem como alguém com pouca inteligência, mas com senso de justiça e proteção, principalmente com relação a outros menores. Também é colocado em uma posição de inocência em relação às mulheres, quando comparado aos outros do grupo. Seu destino foi embarcar como marinheiro num navio cargueiro, tornando-se um trabalhador.

Apesar de alguns meninos terem conseguido deixar o mundo do crime, a transformação almejada pelo projeto de sociedade igualitária não foi alcançada e Jorge Amado deixa essa expectativa e revolta evidente no enredo ao escrever sobre o destino de cada criança. A infância torna-se uma ferramenta de comoção usada por ele também, pois, mesmo que invista em fluxos de pensamento dessas crianças e as mostre como pessoas complexas, a infância é vista como um momento de passagem em que o sujeito ainda está se construindo, assim, acaba sendo utilizada como maneira de gerar novas expectativas sobre a sociedade.

Como já mencionado, há diversos momentos em que as personagens oscilam entre a categoria de “criminosos” e a de “crianças” ou “meninos”, como se o autor pincelasse momentos de inocência, alegria e bondade que remeteriam ao estereótipo que se tem da figura do menor de idade e da criança. Entretanto, há também cenas que mostram os Capitães da Areia se envolvendo desde furtos a estupro contra mulheres, entre outras situações que, socialmente, não são esperadas de meninos. Essa oscilação fica evidente no capítulo “As Luzes do Carrossel”, que aparece após um momento em que participam de uma atividade criminosa. Em “Luzes do Carrossel”, Volta Seca e Sem Pernas tomam conta de um carrossel para o bêbado Nhozinho Franca e em um momento convidam os Capitães da Areia para apreciarem esse acontecimento. Foi como um respiro de volta à infância e ao direito de brincar, se analisarmos a maneira como o escritor descreve o episódio: “Volta Seca não pensava com certeza em Lampião neste momento. Pedro Bala não pensava em ser um dia o chefe de todos os malandros da cidade. O Sem Pernas em se jogar no mar onde os sonhos são todos belos. Porque a música saía do bojo do velho carrossel só para eles e para o operário que parará. E era uma valsa velha e triste, já esquecida por todos os homens da cidade.”¹³¹

¹³¹ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 66

Jorge Amado mostra o aspecto autônomo dos Capitães da Areia, complexifica e humaniza a personalidade desses meninos. Além disso, é nítida a intenção de gerar um incômodo com os contrastes presentes nas personagens em relação à categoria da infância, considerando que os leitores da década de 1930 estão inseridos em um momento em que as instituições reformadoras estavam carregadas pela lógica do trabalho como disciplinador e pela crença na necessidade de moldar futuros cidadãos, sendo as crianças alvo para a concretização desse objetivo.

A infância abandonada em Sem-Pernas

Se há um personagem em que esses contrastes aparecem de forma exacerbada, isso ocorre com Sem Pernas. Todos que pertenciam aos Capitães da Areia participam de situações que trazem o sentimento de que falta algo que mude o destino dessas crianças. Não é apenas a questão de classe, apesar desse aspecto predominar no livro, mas como a desigualdade social impede que a infância seja vivida de maneira plena por todos. Sem-Pernas, portanto, é a personagem escolhida por Jorge Amado para que o leitor se incomode ainda mais com a realidade da infância abandonada.

Em meio a esse cenário, o leitor se depara com uma personagem que possui facetas complexas. Sem Pernas possui treze anos, falava alto, ria muito e seu papel no grupo era o de espião, pois adentrava casas de família, passando-se por um menino perdido dos pais, como aparece no seguinte trecho: “Não tardou a se destacar porque sabia como nenhum afetar uma grande dor e assim conseguir enganar senhoras cujas casas eram depois visitadas pelo grupo já ciente de todos os lugares onde havia objetos de valor e de todos os hábitos da casa.”¹³² SemPernas possuía esse apelido por causa de uma deficiência física em uma das pernas e utilizava desse fato para comover as senhoras que ele enganava.

Vários momentos do livro são utilizados para descrever características do arquétipo de vilão em Sem Pernas. Ridicularizava e dava apelidos aos outros Capitães da Areia, já cortou um garçom com uma navalha e possuía um forte sentimento de vingança que se estende para a revolta contra a hierarquia de classe. Ao mesmo tempo, Sem Pernas é justamente a personagem

¹³² AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 36

que Jorge Amado mais descreve o sofrimento na situação de criança abandonada, sendo a ridicularização das pessoas uma maneira que o menino encontrava de lidar com a realidade. Apesar de reconhecer que fugiu à procura da liberdade, que possuía agora nas ruas — sendo essa forma de liberdade mencionada várias vezes na narração do romance — para Sem Pernas aquilo não bastava, pois, ele queria alguém que lhe desse carinho a ponto de esquecer sua deficiência física e esquecer o tempo em que viveu sozinho nas ruas da cidade.¹³³ Isso é evidenciado no livro no sentido de faltar uma figura materna para ele, que seria responsável pelo cuidado e preservação da infância.

“Nunca tivera uma família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava "meu padrinho" e que o surrava. Fugiu logo que pode compreender que a fuga o libertaria.”¹³⁴ Portanto, assim como muitas outras crianças do livro, a fuga foi uma forma de resistência à condição de obediência que a própria infância impõe, uma maneira de se aproximar à liberdade. Além disso, também sofreu violência policial, sendo esse acontecimento o grande gatilho do sentimento de vingança dele. Trata-se de um episódio em que foi preso e soldados bêbados o fizeram correr, apesar da sua deficiência física, em volta de uma saleta enquanto esses homens o batiam com uma borracha comprida. Dessa forma, ele queria esquecer aquele momento a partir da figura materna, constantemente sacralizada no livro como veremos neste trabalho.

Sem Pernas morre no capítulo “Como um trapezista de circo”, sua morte ocorre por suicídio enquanto estava sendo perseguido por guardas. Quando os guardas estavam prestes a capturar Sem Pernas, este se atira em direção ao grande desnível que divide a cidade de Salvador em Cidade Alta (onde viviam os mais ricos) e Cidade Baixa (onde viviam os mais pobres), local onde se localiza o Elevador Lacerda. Tal acontecimento é descrito como um ato de resistência ao que os guardas queriam, capturar um dos Capitães da Areia, não lhes dando esse tipo de conquista. Esta foi uma das formas de contrapor o que as autoridades daquela época queriam: transformar meninos de rua em trabalhadores moldados sob o viés do arquétipo de cidadão de bem.

Esse capítulo do livro deve ser olhado com atenção, pois é justamente ele que aparece no mensário crítico bibliográfico *Boletim de Ariel* do Rio de Janeiro, que em agosto de 1937 na página 357, reserva espaço ao capítulo que descreve o suicídio de Sem Pernas. Esse mensário

¹³³ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 36

¹³⁴ Idem

foi um importante meio de divulgação de lançamentos literários e a publicação do citado capítulo ocorreu meses antes do lançamento de *Capitães da Areia*, pela Editora José Olympio. Foi uma divulgação do trecho no prelo, ou seja, no momento ainda de edição da obra. Portanto, a escolha do trecho chama atenção, pois é justamente um capítulo que causa incômodo e denuncia a desigualdade social a partir da temática da infância abandonada em Sem-Pernas.

Capitã da areia: a construção da mãe, irmã e esposa em Dora

Por último, é fundamental discorrer sobre a personagem Dora, a única mulher que fazia parte dos Capitães da Areia. A personagem só aparece na segunda metade do livro, mas torna-se um grande divisor de águas na vida dos meninos. Dora era uma menina que tinha entre treze e catorze anos, era branca e loira, neta de um italiano e de uma “mulata”. Seu pai era Estevão e sua mãe Margarida, ambos morreram de varíola. Tinha um irmão de seis anos. No início, com o intuito de garantir sua sobrevivência, após a perda dos pais, Dora procura o trabalho doméstico de copeira em uma casa de família. Porém, ao dizer que sua mãe morrera de varíola, as pessoas rejeitavam seu trabalho, pois o medo da doença era algo muito presente no período em que ela se alastrou.

Antes, a cidade e o espaço público eram inimigos de Dora. Porém, a menina foi trazida ao trapiche por João Grande e Professor, passando a fazer parte dos Capitães da Areia. A maneira como essa personagem é construída no livro tem facetas diferentes, uma delas é a da menor que enfrentava as ruas como o resto do grupo, resistindo quando seus parceiros não queriam que ela participasse das atividades de furto. Dora quebra com a expectativa de fragilidade colocada sob ela e se transforma em uma personagem forte e valente, a cidade não seria mais sua inimiga. Os elogios direcionados a ela eram voltados a afirmar o quão se igualava a um homem na sua força, havendo essa constante comparação.

Porém, há outra faceta na personagem, Jorge Amado transforma uma menina de treze para catorze anos em uma mãe, esposa e irmã para os Capitães da Areia e ela passa a simbolizar o que estava faltando para eles. Para Pedro Bala ela era esposa, para os outros capitães ela era mãe e irmã. Nesse sentido, a personagem aparece como uma menina-mulher e sua maturidade é evidenciada ao realizar atividades consideradas como vocação natural feminina, sendo

referida pelo autor como “quase mulherzinha”. A distinção entre o trato para a infância feminina e a masculina fica evidente a partir da diferença entre instituições reformadoras destinadas para meninos e meninas carentes. No romance, Dora passa um tempo no orfanato após ser capturada pela polícia, enquanto Pedro Bala é destinado para o reformatório.

A personagem contraria a ideia de que o orfanato é um lugar melhor para meninas do que as ruas. Apesar de Dora reforçar o estereótipo da maternidade como modeladora da infância, ela resiste à repressão de adultos que tentam impor uma educação feminina no orfanato. Dora preferia a liberdade das ruas, confrontando as medidas disciplinadoras de um orfanato, mesmo tendo maior garantia de cuidados médicos e alimentação. Portanto, é importante pensar no possível impacto que o escritor coloca ao tentar escrever os desejos e anseios de uma criança que não corresponde à expectativa da imagem de menina carente e grata pela caridade do orfanato. *Capitães da Areia* foi publicado em um período em que a ocupação da mulher no espaço público ainda era muito confrontada e a rua era vista como local de depravação da honra feminina, apesar das mudanças essenciais da luta feminina na década de 1930, que serão explicadas mais a fundo no próximo tópico.

A personagem morre de varíola e sua morte é uma grande comoção entre os Capitães da Areia. Foi um processo de passagem dentro do enredo, mas também foi como se os meninos tivessem ficado órfãos novamente: “Fora o totalmente inesperado na vida deles, o aparecimento de uma mãe, de uma irmã.”¹³⁵ Essa preocupação se deu também quando ela estava no orfanato, pois ela tinha uma função no grupo, como explicitado a seguir: “Não a podem ter num orfanato como uma menina sem ninguém. Ela tem um noivo, uma legião de irmãos e de filhos de quem cuidar”¹³⁶. Portanto, a maneira como a personagem é categorizada na qualidade maternal dificulta olhá-la como uma criança, porém, nos ajuda a problematizar a maturidade feminina vista como algo natural da vocação da mulher.

¹³⁵ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 221

¹³⁶ *Ibidem*, pp. 198

3.2 –A mulher moderna e a maternidade modeladora da infância.

Tendo em vista a temática da infância presente no livro, é de fundamental importância olhar para a questão de gênero em *Capitães da Areia* e questionar de que maneira Jorge Amado articula noções sobre maternidade da década 1930. Ou seja, entender como suas personagens femininas são construídas, pensando tanto no tempo histórico do livro, a década de 1920, quanto na década de 1930, momento de escrita do romance. Para isso, é fundamental tentar compreender as escolhas do autor quanto às decisões e modo de agir das meninas e mulheres do livro, bem como mostrar as descrições de Jorge ao narrar as características delas.

Primeiramente, é essencial que realizemos uma breve contextualização sobre as políticas de gênero no governo de Getúlio Vargas, pois elas se relacionam com as próprias políticas sobre a infância e a família. Sueann Caulfield, em seu livro *Em Defesa da Honra: Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, escreve sobre mudanças fundamentais a partir dos anos de 1920 em relação à preocupação com a maternidade no Brasil e as políticas de gênero. Contudo, ao trazer o cenário dos primeiros anos de república, Caulfield mostra continuidades de concepções herdadas do patriarcalismo que fundamentaram o direito brasileiro por muitos anos e afetaram diretamente a vida de meninas que viveram a década de 1920 e de 1930.

Ao pensar em maternidade, a primeira personagem que vem à lembrança do leitor de *Capitães da Areia* é Dora, apresentada no subcapítulo anterior. Porém, é preciso olhar para as outras personagens e para suas diferenças. Como já mencionado, a menina é descrita como mãe, irmã e filha ao longo do enredo, mas também como capitã da areia e passa a ter utilidades para o grupo que ultrapassam a função materna. Tal soma de funções não é escolhida aleatoriamente pelo autor, é preciso contextualizar o lugar da mulher na década de 1930 para entendermos o porquê dessa personagem ter sido construída com características atribuídas a meninos concomitantemente a uma vocação materna naturalizada. A década de 1920 e 1930 foi marcada pela emancipação feminina, sendo a mulher operária alvo de políticas públicas preocupadas em educar a população feminina para a vida no lar¹³⁷. Havia, portanto, preocupações das

¹³⁷ OSTOS, N.S.C. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). *Cadernos Pagu* (39), julho-dezembro de 2012, pp. 332

autoridades em manter a hierarquia entre homens e mulheres numa nova realidade em que se crescia a massa de mulheres trabalhadoras.

Segundo Natascha Stefania Carvalho De Otos, uma grande questão que se colocava no período era: “[...] como conciliar a noção de que as mulheres, com sua presença no espaço doméstico eram imprescindíveis para a multiplicação dos brasileiros e para o aprimoramento físico e moral da população, com a crescente participação feminina no mundo público”¹³⁸. Trata-se de um contexto mudado em relação aos primeiros anos de República, a década de 1920 no Brasil foi marcada pela defesa de que era necessário formar uma massa trabalhadora competitiva e um mercado interno aquecido.¹³⁹ Não é nova a ideia de que a formação de uma classe trabalhadora saudável e apta está relacionada ao papel da família, e, principalmente, das mulheres. Isso foi reforçado durante muitos anos antes da década em que *Capitães da Areia* é escrito, porém, é preciso entender que após a Primeira Guerra Mundial, há mudanças significativas, como apresenta Sueann Caulfield:

A imigração, a migração da população rural para os centros urbanos, a explosão populacional resultante dessas migrações e as oscilações econômicas da *belle époque* e da Primeira Guerra Mundial contribuíram para uma atmosfera de instabilidade, frequentemente atribuída à suposta dissolução da família e da moral tradicional.¹⁴⁰

Naquela época, as famílias extensas davam lugar às famílias nucleares e o estado paternalista de Vargas foi marcado pela crescente intervenção nas relações familiares e sociais¹⁴⁴. Ao longo da história, o sentimento materno foi visto como algo natural da mulher, mesmo após a emancipação feminina e a conquista do voto feminino no Brasil em 1932. Em nenhum momento a personagem deixa completamente de ter a tão aclamada vocação materna, mesmo sendo caracterizada da seguinte maneira: “Não era uma flor de estufa. Amava o sol, a rua, a liberdade.”¹⁴¹ Há a tentativa de conciliar a emancipação feminina e a maternidade, portanto, a literatura de Jorge Amado não esconde essa preocupação que circulava no Brasil e que tanto aparece na década de 1930.

¹³⁸ OSTOS, N.S.C. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). *Cadernos Pagu* (39), julho-dezembro de 2012, pp. 322

¹³⁹ *Ibidem*, pp. 327

¹⁴⁰ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Trad. Elizabeth de Avelar Solano Martins. São Paulo: Unicamp, 2005, pp. 161

¹⁴⁴ *Ibidem*, pp. 185

¹⁴¹ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 211

Isso não significa que o escritor estava estritamente em acordo com o projeto de estado paternalista e da política de gênero de Getúlio Vargas. Porém, olhando o autor como um intelectual que defendia a causa dos trabalhadores, é importante se atentar para o que Glaucia Cristina Candian Fraccaro, em seu artigo “Uma história social do feminismo: diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937)”, destaca sobre como mulheres trabalhadoras eram pensadas por sindicalistas na década de 1930. A autora propõe considerar a experiência das trabalhadoras, quando Getúlio Vargas e a Aliança Liberal chegam ao poder. Foi estabelecido o projeto de governo corporativista e de conciliação de classes, resultando em ações como a aprovação de decretos para regular as relações de trabalho de mulheres e crianças.¹⁴² As mobilizações grevistas representaram um forte indício da participação da classe trabalhadora no debate sobre a legislação trabalhista¹⁴³. Ademais, já no fim dos anos 1920, muitas instâncias do Partido Comunista fomentavam comissões femininas de mulheres e as convidavam para somar na revolução¹⁴⁸.

Entretanto, de que forma o Partido Comunista apoiava as trabalhadoras? Fraccaro expõe que o programa levantado pela *International Alliance of Women*, em 1927, foi abordado por integrantes do Partido Comunista, estes consideraram que o direito de voto e o reconhecimento dos direitos civis da mulher não seriam o suficiente para garantir a liberdade¹⁴⁴. A autora exemplifica alguns discursos como o do sindicalista José Righetti, que defendia que preservar postos e salário dos homens eram maneiras de manter o bem-estar do núcleo familiar, portanto, argumentava que serviços domésticos e o cuidado com crianças eram tarefas exclusivas das mulheres.¹⁴⁵ É fundamental referir a este fato para entender as possíveis raízes das escolhas de trejeitos da personagem Dora feita por um escritor que participou da militância comunista no Brasil.

Jorge Amado não inova ao escrever sobre uma menina com autonomia e interessada em ocupar lugares que os meninos do bando também ocupam. Os movimentos feministas na década de 1920 marcaram um momento de ruptura, em que mulheres passaram a se organizar em

¹⁴² FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: Diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 31, nº 63, p. 8-26, janeiro-abril, 2018, pp. 12

¹⁴³ Ibidem, pp. 10

¹⁴⁴ Ibidem pp. 17

¹⁴⁵ Ibidem, pp. 13

associações e a fazer pronunciamentos públicos por meio da Imprensa, por exemplo¹⁴⁶. Novamente é preciso reforçar que a Imprensa estava presente na vida de Jorge Amado, que se envolveu estreitamente com o jornalismo, ou seja, Amado não estava de fora das principais discussões nesse meio de comunicação tão utilizado pelas feministas no Brasil.

Tão importante quanto discorrer sobre Dora, é entender como o literato escreve sobre outras mulheres que aparecem no livro, chamando atenção especialmente para este trecho do capítulo “DOCAS”, em que Pedro Bala visualiza uma menina que andava apressada. Essa passagem ocorre após o menino descobrir quem era seu pai e passar por um momento crucial de reflexão sobre seu desejo de luta e sua afeição pela greve:

Pedro Bala podia vê-la bem quando ela passava sob os postes: era uma negrinha bem jovem, talvez tivesse apenas quinze anos como ele. Mas os seios saltavam pontiagudos e as nádegas rolavam o vestido, porque os negros mesmo quando estão andando naturalmente é como se dançassem. E o desejo cresceu dentro de Pedro Bala, era um desejo que nascia da vontade de afogar a angústia que o oprimia. Pensando nas nádegas rebofolantes da negrinha não pensava na morte de seu pai defendendo o direito dos grevistas, em Omolu pedindo vingança na noite de macumba.¹⁴⁷

Neste trecho é possível perceber, primeiramente, a hipersexualização¹⁴⁸ e a adultização de meninas e do corpo negro. A literatura, portanto, é uma das formas de circulação de ideias que tentavam pré-estabelecer negras e pardas como dotadas de uma “sensualidade”, mesmo quando muito novas, lembrando que por muito tempo médicos argumentavam que a população mestiça era marcada pela hiperestesia sexual ou pela “fraca moralidade”.¹⁴⁹ Portanto, é preciso recordar que o Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão, sendo que *Capitães da Areia* é publicado 42 anos após a abolição da escravatura. Todavia, a relação entre brancos e negros estava longe de ser igualitária, não havia uma democracia racial como reforçava o sociólogo Gilberto Freyre em 1933 e a própria literatura nos ajuda a perceber o ocultamento da realidade da desigualdade racial no cotidiano brasileiro.

Deste modo, a coerção social contra meninas negras se estende e se reformula após a Abolição. Uma das análises da especificidade desse tipo de violência no modelo escravocrata é

¹⁴⁶ SOIHET, R. **Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas**. In: Revista Estudos Feministas, Vol. 5, n. 1/97. Rio de Janeiro, 1997, p. 19

¹⁴⁷ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 87

¹⁴⁸ Entende-se, neste trabalho, a hipersexualização como um fenômeno social em que alguém atribui um caráter sexual ao outro ou a um comportamento, mesmo que não o seja.

¹⁴⁹ FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: Diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 31, nº 63, p. 8-26, janeiro-abril, 2018, pp. 15

feita por Angela Davis, como aparece no seguinte trecho do seu livro *Mulheres, Raça e Classe*: “Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas.”¹⁵⁰. Trata-se de uma violência que se estende para além do período da escravidão, se reformula e conseqüentemente aparece na literatura.

Algo que esse trecho também chama a atenção é a naturalidade com que Jorge Amado traz a impulsividade sexual nas suas personagens masculinas. Tal movimento remete-se à infância, pois traz incômodo àqueles que creem que crianças são reduzidas à noção de pureza, mas também nos permite refletir sobre a impulsividade masculina apaziguada historicamente. Pesquisas como a de Sueann Caulfield mostram de que forma juizes da década de 1920 defendiam ser necessário conter o que chamavam “instinto sexual masculino”, responsável por acabar com a virtude de moças honestas.¹⁵¹ Portanto, a presunção de um instinto masculino causador de estupros contra mulheres estava presente na prática jurídica.

Além disso, o romance mostra como a preocupação da personagem violentada era conservar sua virgindade, que tinham lhe ensinado que era preciosa, segundo aparece no enredo¹⁵². Martha de Abreu Esteves, analisando processos de defloração, estupro e atentado ao pudor dos primeiros anos da década de XX, mostra que esses crimes eram analisados pelas autoridades judiciais a partir de critérios como honestidade e virgindade moral¹⁵³. Sueann Caulfield, ao escrever sobre modernidade, explica como o discurso tem graus de mudança após a década de 1920, porém, muito do que existiu dos conceitos morais que sustentaram o código penal de 1890 se manteve.

Portanto, grande parte das autoridades ainda defendia a proteção à virgindade, continuando, inclusive, a ser uma questão que fazia parte da preocupação das famílias¹⁵⁴. Dessa maneira, a virgindade no período que estudamos ainda é um fator que recai sobre a noção de

¹⁵⁰ DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, pp. 26

¹⁵¹ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Trad. Elizabeth de Avelar Solano Martins. São Paulo: Unicamp, 2005, pp. 164

¹⁵² AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 89

¹⁵³ ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**, Paz e Terra, 1989, pp. 37

¹⁵⁴ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Trad. Elizabeth de Avelar Solano Martins. São Paulo: Unicamp, 2005, pp. 163

honestidade feminina de adultas e é um critério ainda presente para medir a infância feminina, bem como reforçar a ideia de “papel feminino”. Isso está presente na perda da virgindade de Dora, que ocorre no capítulo “Dora, esposa”, após a personagem ter declarado que “se tornou moça”, ou seja, após ter passado pela primeira menarca e anunciar para Pedro Bala que agora poderia ser sua mulher. Desse modo, esse acontecimento acaba por marcar o encerramento de um ciclo da função de Dora no livro, pois a menina morre logo em seguida, após ter sido mãe, irmã e, por fim, esposa.

Entretanto, é fundamental entender que existem contradições na história da “proteção” à infância feminina, em que meninas são consideradas mais maduras que meninos, aptas a exercer funções maternas e de esposa ainda muito novas, retirando-lhes o direito ao brincar. Entretanto, simultaneamente, é imposto que elas provem serem inocentes e puras. A presunção de que mulheres modernas não precisavam de proteção por estarem no espaço público trabalhando é algo presente na década de 1930 entre intelectuais do Direito, mas não no sentido elogioso de reconhecimento da racionalidade feminina, e sim da concepção de que a moralidade fora enfraquecida no período entre guerras. Dora é, ao mesmo tempo, uma personagem considerada mais pura que as meninas negras do livro, mas também é aquela que se responsabiliza pelo cuidado de outras crianças enquanto está entre os Capitães da Areia. Portanto, é preciso entender a adultização no livro no sentido de classe, raça e gênero e o caráter violento disso.

O gênero, portanto, diz respeito diretamente à infância e às crianças como sujeitos históricos no contexto das décadas de 1920 e 1930. A diferença entre a infância de crianças negras e crianças brancas fica evidente no livro, apesar de o autor contribuir para a naturalização da harmonia racial entre personagens de *Capitães da Areia*. Entretanto, o próprio enredo denuncia a desigualdade racial a partir, por exemplo, da diferença com que o autor trata as nomeadas “negrinhas” e a personagem Dora:

Em verdade ela era apenas uma criança abandonada como eles. Não ria como as negrinhas do areal um riso insolente de convite, um riso de dentes apertados pelo desejo. Seu rosto era sério, parecia o rosto de uma mulherzinha muito digna. Mas os pequenos seios que nasciam se empinavam no vestido, o pedaço de coxa que aparecia era branco e redondo. Pirulito tinha medo. Não tanto da tentação de Dora. Ela não parecia das que tentavam, era uma criança, era muito cedo para isso.¹⁵⁵

¹⁵⁵ AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 180

Dora também é objetificada sexualmente nas passagens do livro, como aparece no trecho. Ademais, a partir dessa citação é preciso entender que o autor faz uma comparação entre as meninas negras e as meninas brancas, sendo perceptível a presunção da inocência de Dora, enquanto crianças negras são consideradas mais maduras sexualmente. Ademais, como já demonstrado anteriormente, a inocência é a todo momento contrastada com atitudes vinculadas à vida adulta, colocando a própria proteção da infância em jogo, reforçando uma ideia de que Dora seria digna de proteção, enquanto o mesmo não é pensado de maneira equivalente para meninas negras.

Outro ponto importante que deve ser tratado é: Como *Capitães da Areia* pôde provocar seus leitores a questionarem o próprio projeto de família nuclear defendido pelo estado paternalista? É preciso considerar que se trata de uma obra censurada após a sua publicação e que não apenas promove a luta contra a hierarquia de classe criticada pelos comunistas, que eram reprimidos no regime varguista. O livro também mostra uma organização familiar entre mais de cem menores órfãos, abandonados, fugidos de casa, e Jorge Amado escreve justamente nesse momento em que a família nuclear passa a ser valorizada em detrimento das famílias extensas.

Os Capitães da Areia estavam fora desse modelo familiar que era cada vez mais apostado no Estado Novo, justamente em um momento em que a Imprensa fomentava (a partir de propagandas e de seções infantis e femininas) a imagem da família nuclear¹⁵⁶. Isso não significa que as famílias extensas deixaram de existir, nem que o povo brasileiro seguiu um modelo familiar defendido pelo Estado Novo. Jorge Amado tece uma crítica da própria tentativa da personagem José Pedro, um dos adultos que tentam amparar os Capitães da Areia, resolver a condição de abandono do grupo. José Pedro é um padre que recorre à maternidade buscando solucionar a vida desses meninos e, utilizando-se dessa estratégia, objetiva também dar ocupação materna para beatas salvando-as da “inutilidade perniciosa”. O padre concluíra que

¹⁵⁶ Ao compararmos as mudanças de um jornal popular e de grande circulação como o *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro entre 1901 e 1939, é perceptível mudanças no padrão das edições, o jornal passa a reservar uma página para seção infantil e outra para mulheres. Na edição de 9 de novembro de 1930 (periódico encontrado na Hemeroteca Nacional Digital) por exemplo, temos a seção “Correio Infantil” e a seção “Assumptos femininos”, uma seguida da outra. Observando a evolução das edições, ao longo dos anos a seção feminina sempre vinha na página anterior à seção infantil, havendo inclusive propagandas voltadas ao cuidado de crianças nas próprias sessões femininas. Importante salientar que as propagandas ilustradas da revista voltadas para remédios para crianças e utensílios culinários, por exemplo, frequentemente ilustravam ou colocavam fotografias de mulheres brancas e crianças rechonchudas e brancas.

essas mulheres passavam o dia em inúteis conversas nas igrejas e que isso ocorria por não terem filhos e um esposo a quem se dedicar o tempo e carinho¹⁵⁷:

A princípio o padre José Pedro pensava em levar os Capitães da Areia às beatas. Pensava que assim salvaria também as beatas de uma inutilidade perniciosa. Poderia conseguir que elas se dedicassem aos meninos com a mesma fervorosa devoção com que se dedicavam às igrejas, aos gordos padres.¹⁵⁸

O resultado da experiência do padre é relatado da seguinte forma no enredo: “A experiência deu maus resultados: o menino arribou da casa da solteirona levando uns objetos de prata, preferindo a liberdade da rua [...]”¹⁵⁹. Admite também que logo depois de conhecer os meninos e ganhar confiança deles, viu que era totalmente inútil pensar nesse projeto. Essa passagem mostra como Jorge Amado coloca a revolução proletária acima da religião: “O padre queria dar casas, escola, carinho e conforto aos meninos sem a revolução, sem acabar com os ricos.”¹⁶⁰ José Pedro inclusive pensa, mesmo resistindo a essa ideia, em concordar com a personagem João de Adão, um trabalhador das Docas que queria: “[...] acabar com os ricos, fazer tudo igual, dar escola aos meninos.”¹⁶¹.

Portanto, Jorge Amado não tem como objetivo principal dar voz às crianças, criticar o abandono e colocar apostas no papel feminino e materno, muito menos denunciar a desigualdade racial. Porém, ele mobiliza todos esses temas para traçar um caminho. A citação anterior nos permite elaborar perguntas como: Quais eram as soluções propostas pelos defensores da causa proletária para a infância abandonada? Questionar isso é considerar que crianças também estavam nas fábricas, ou seja, não podemos afirmar estarem passivos às greves de trabalhadores.

Dessa forma, o leitor de *Capitães da Areia* da década de 1930 não pode ser visto como um mero receptor de um posicionamento militante vinculado ao comunismo. Isso pois, o consumidor do livro também é capaz de produzir ideias a partir das brechas que toda obra possui e que são imprevisíveis pelo próprio autor. Apesar de o livro mobilizar inúmeras temáticas, não é isso que faz o leitor ir além do objetivo final do livro: propor a transformação a partir da luta contra a hierarquia de classe. A presença de muitas reflexões sociais possíveis na obra ocorre

¹⁵⁷ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 74

¹⁵⁸ Idem

¹⁵⁹ Idem

¹⁶⁰ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 109

¹⁶¹ Ibidem, pp. 109

porque o cotidiano do momento histórico em que um escritor se insere pode aparecer de diferentes formas na sua própria escrita, sendo possível que apareça de maneira intencional bem como de maneira não planejada.

Ademais, existem contradições entre ideias em *Capitães da Areia* justamente porque a história também é feita de contradições, assim como os próprios sujeitos que a constitui. O aspecto histórico da obra está em tudo que envolve pessoas, por essa razão olhar para as personagens, para o autor e para as possíveis reações do público leitor é importante para levantar perguntas para a fonte literária que se relacionem com o cotidiano. Portanto, para este tópico, é possível concluir que, a maternidade e a concepção de família e infância que existia nas décadas de 1920 e de 1930 complexifica cada uma das personagens de *Capitães da Areia* e nos permite entender porque não se trata de um livro que representa crianças abandonadas, mas uma obra que toca em um assunto sensível a um momento que tanto se reforçou a importância da família e de moldar crianças para serem trabalhadoras. Por essa razão, Jorge Amado não aposta na maternidade como salvadora, mas ele fornece brechas em sua escrita para se pensar em um projeto de família e de mãe não hegemônicos, mesmo que este não seja o caminho central que ele propõe.

3.3 – A transformação da infância a favor da luta contra a hierarquia de classe

Como já demonstrado anteriormente, Jorge Amado não retrata a infância, como aparece na opinião de jornalistas da década de 1930 mencionados no primeiro capítulo deste estudo. Mas, para além de perceber que as crianças não são o foco do romance, foi necessário refletir o porquê do uso da infância na narrativa e como o fato de suas personagens serem crianças é instrumentalizado pelo autor. Portanto é necessário retornar às perguntas colocadas no primeiro capítulo: “Jorge Amado dá voz às crianças abandonadas ao escrever *Capitães da Areia*?”. Aliás, é imprescindível desconsiderar que dar voz a sujeitos é uma preocupação de Jorge Amado, quando dizemos sobre consciência de classe. Como já explicado, o autor fez parte do Partido Comunista do Brasil (PCB), e, de maneira geral, conscientizar os trabalhadores é um ponto fundamental para os movimentos operários e a conscientização dos personagens é presente em

Capitães da Areia, como também em outros romances da fase dos chamados “romances proletários” de Jorge Amado.

As personagens do romance possuem camadas de complexidade ao longo do enredo e o escritor explora isso, principalmente, quando utiliza fluxos de consciência para construir as características dos Capitães da Areia. Entretanto, essa complexidade tem seus limites devido à própria escolha do objetivo central do livro. *Capitães da Areia* de fato denuncia a desigualdade social e a condição de crianças abandonadas em Salvador. Amado deixa claro o que ele, como intelectual militante, acredita ser a solução para a condição de abandono dessas crianças, o que fica evidente no fluxo de consciência do padre José Pedro mencionado anteriormente. Se a saída proposta pelo padre sobre o destino dos Capitães da Areia não é a fórmula apostada por Jorge Amado, o caminho dado é justamente a luta contra a hierarquia de classe.

Não por acaso, as crianças do grupo, ao entrarem em contato com ações organizadas por meio dos sindicatos de trabalhadores, mesmo quando aliados indiretos, têm seus destinos mudados. Entretanto, há escolhas sobre quem possui a vocação de liderança para a greve e o que torna seus personagens conscientes. Isso fica perceptível quando o autor compara Pedro Bala com outros personagens como aparece no seguinte trecho, quando João Grande e Barandão parecem não se interessar tanto pela greve:

Veem quando João de Adão e os outros estivadores saem entre vivas dos operários das linhas de bonde. Eles vivem também. João Grande e Barandão porque gostam do doqueiro João de Adão. Pedro Bala não só por isso como porque acha bonito o espetáculo da greve, é como uma das mais belas aventuras dos Capitães da Areia.¹⁶²

Em outro momento do livro, pouco antes de Pedro Bala descobrir que seu pai foi um grevista, o menino pergunta a Boa-Vida: “Tu não tem vontade de ser marítimo?” Boa-Vida diz que gosta da cidade de Salvador e que não gostaria de sair dali, não é interessante para ele ser um trabalhador do mar. Já Pedro Bala afirma que tem vontade, enquanto Boa-vida achava besteira sair da Bahia, que segundo ele seria o lugar que: “[...] onde, quando crescesse, seria tão fácil viver uma boa existência de malandro, navalha na calça, violão debaixo do braço, uma morena para derrubar no areal.”¹⁶³. Enquanto isso, Bala é colocado, desde o início do romance, como alguém com vocação de liderança.

¹⁶² AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 248

¹⁶³ *Ibidem*, pp. 82

Portanto, o presente subcapítulo pretende responder, porque defendemos o argumento de que Jorge Amado denuncia a situação de abandono de crianças em situação de rua, mas isso não significa que ele representa esses menores a partir das suas personagens, tampouco que deu voz a eles. Este texto tem como objetivo entender que o autor, na realidade, delimita quais são as formas legítimas de luta contra a hierarquia de classe, selecionando causas vinculadas a um movimento organizado de trabalhadores. Pedro Bala é justamente a personagem entre os Capitães da Areia que mais se familiariza com esse tipo de organização, aplicando de maneira indireta a lógica do movimento operário na própria organização dos Capitães da Areia como um grupo. Dessa maneira, argumentamos que Jorge Amado não necessariamente dá voz aos seus sujeitos-crianças, pois, apesar de mostrar seus anseios, preocupações, expectativas e resistências, ele desqualifica outras formas de resistências que não correspondem ao movimento operário organizado.

Em um primeiro momento, o fluxo de consciência de Pedro Bala passa pela greve, porém sem que o menino entenda o que seria lutar pelo seu direito: “Assim vingaria seu pai, ajudaria aqueles homens a lutar pelo seu direito (vagamente Pedro Bala sabia o que era isso).”¹⁶⁴ Mesmo não sabendo exatamente o que aquilo significava, sinais aparecem construindo, aos poucos, a consciência de classe de Pedro Bala, como no seguinte trecho: “E depois, na macumba do Gantois, Omolu, paramentado de vermelho, dissera que o dia da vingança dos pobres não tardaria a chegar.”¹⁶⁵ Em outro momento do enredo, a partir da fala de Don' Aninha, Pedro Bala sentiu uma onda dentro de si, Don' Aninha diz: “Não deixam os pobres viver... Não deixam nem o deus dos pobres em paz.”¹⁶⁶ Ela se queixava da polícia que havia carregado o seu santo Ogum para uma sala de detidos. Nesse momento, o menor percebe como a balança sempre pedia para um lado, o lado dos ricos. Além disso, ao passar pelo reformatório de menores, Pedro percebe o quanto a liberdade significava para ele. Essa questão também era cara ao doqueiro João de Adão, que dizia lutar não só pela melhora dos salários dos trabalhadores, mas pela liberdade, que, segundo ele, faltava aos doqueiros. Após experiências de repressão, Pedro Bala percebe ainda mais o valor da liberdade: “Lá fora é a liberdade e o sol. A cadeia, os presos na cadeia, a surra ensinaram a Pedro Bala que a liberdade é o bem maior do mundo.”¹⁶⁷

¹⁶⁴ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 85

¹⁶⁵ *Ibidem*, pp. 87

¹⁶⁶ *Ibidem*, pp. 94

¹⁶⁷ *Ibidem*, pp. 197

A maneira como os Capitães da Areia se conscientiza está ligada ao contato com o mundo da luta dos operários, essa consciência é apresentada como solução para a condição de criminalidade desses meninos, tanto que Pedro Bala coloca o próprio estudante de faculdade que conhece, Alberto, como alguém que tem a ensinar o que ninguém soubera lhe ensinar. Apesar de mostrar as pessoas comuns como sujeitos da luta proletária, Jorge Amado não deixa de destacar a necessidade de algo ou alguém (ou João de Adão, o doqueiro, ou o estudante de faculdade, por exemplo) despertar a consciência de classe nas suas personagens.

Amado mostra racionalidade em suas personagens a partir da própria capacidade de organização dos Capitães da Areia, de forma a mencionar os crimes cometidos pelas crianças como uma forma de trabalho, mesmo quando nomeia esse trabalho como desonesto. Entretanto, ele também propõe que esses meninos sejam trabalhadores “honestos” (expressão utilizada pelo autor). Porém, diferentemente da visão das instituições de internação de menores da década de 1930, o escritor defende um posicionamento que aparece na fala do doqueiro João de Adão: “Que enquanto tudo não mudasse, os meninos não poderiam ser homens do bem.”¹⁶⁸. Ou seja, a aposta colocada pelo autor não está na disciplinarização dos meninos e meninas por meio do trabalho apenas, mas, em primeiro lugar, está no fim da desigualdade de classe. Além disso, Jorge Amado apresenta elementos no enredo que contribuem para que alguns personagens se afastem da vida criminosa. Além disso, é importante chamar para como o autor coloca justamente o aliar-se a causa operária como uma forma de afastar os Capitães da Areia, ao final do livro, de uma vida criminosa. Essa maneira de solucionar a questão da infância abandonada é criticada, como explicado no Capítulo I deste texto monográfico, pela Imprensa do período.

O movimento grevista nas décadas de 1920 e 1930

É necessário entender a maneira como Jorge Amado mobiliza a temática operária para compreendermos as escolhas do escritor. Em primeiro lugar, é preciso olhar para o momento histórico, em especial, dois deles: a década de 1920, contexto em que se passa o romance, e a década de 1930, momento de escrita e publicação de *Capitães da Areia*. A liberdade é uma questão cara a obra e aos personagens desse romance, sendo importante para as crianças do

¹⁶⁸ AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 108

grupo terem a possibilidade de fugir do reformatório, da cadeia, ou de uma situação de privação e/ou violência, como aparece no trecho já mencionado sobre a personagem Sem Pernas: “Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria”¹⁶⁹

Liberdade também significava a possibilidade de lutar por direitos, uma questão importante para os trabalhadores que se organizaram durante a década de 1920 e 1930. Segundo Maria Célia Paoli, nas décadas de 1930 e 1940, houve uma intensa expansão e aprofundamento da produção industrial prévia e da formação urbana das cidades, havendo aumento da força de trabalho urbana.¹⁷⁰ Segundo Claudio Batalha, no início do século XX, a maioria dos trabalhadores estava submetida a longas jornadas de trabalho, com poucas possibilidades de descanso e de lazer. Normalmente, viviam em habitações precárias, eram desassistidos no caso de doença, invalidez e desemprego, sem a presença de políticas sociais voltadas para eles.¹⁷¹ Portanto, muito antes da existência do PCB, vários trabalhadores pertenciam a ofícios com tradição de participar de associações mutualísticas, estando melhor amparados no caso de infortúnios.¹⁷² Na década de 1920, o Estado, lentamente, torna sua presença explícita nas questões fabris: “Sucessivas leis são propostas durante a década (acidentes de trabalho, estabilidade), é criado o Conselho Nacional do Trabalho e questões mais gerais da condição de vida operária são também objeto de regulamentação, como aposentadoria e férias”¹⁷³.

Entretanto, se essas conquistas legislativas ocorrem, é justamente porque na década de 1920, há o desdobramento das reivindicações dos trabalhadores, portanto, o Estado passa a admitir a necessidade de legislar as questões trabalhistas, sendo as leis objetos de uma luta implícita entre empresários e operários.¹⁷⁴ Cabe destacar que, segundo Paoli, o PCB ignorava as lutas fabris a não ser quando controladas pela hierarquia sindical.¹⁷⁵ Após o surgimento desse partido, o movimento político toma novos rumos, porém, as pequenas greves, paradas, e reclamações no cotidiano da fábrica continuavam acontecendo, paralelas às formas

¹⁶⁹ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 36

¹⁷⁰ PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe operária brasileira**. Cultura e Identidade Operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Tradução. Rio de Janeiro: Ufrj/Marco Zero, 1987, pp. 58

¹⁷¹ BATALHA, Cláudio de M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pp. 11

¹⁷² Ibidem, pp. 12

¹⁷³ PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe operária brasileira**. Cultura e Identidade Operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Tradução. Rio de Janeiro: Ufrj/Marco Zero, 1987, pp. 65

¹⁷⁴ Ibidem, pp. 66

¹⁷⁵ Idem

organizativas mais estruturadas e institucionalizadas da luta operária. Ou seja, apesar de Jorge Amado dar maior legitimação à causa de Pedro Bala, as outras crianças do grupo também possuem suas formas de luta, seja Sem-Pernas pelo suicídio, Don' Aninha negando a todo custo entregar seu santo para a polícia, Dora ao querer participar dos roubos com o restante do grupo, Boa-Vida ao se negar ao trabalho, entre outros.

Em 1932 o trabalho feminino e das crianças e adolescentes foi regulamentado, nesse momento fica clara na argumentação dos empresários sobre como a utilização da divisão sexual e etária do trabalho era lucrativa. É importante destacar que, desde o início do século XX, o movimento operário propôs a questão do trabalho da mulher e do menor, porém sem romper com os estigmas que consideravam as trabalhadoras mulheres e menores como não pertencentes ao universo da produção, defendendo seu pertencimento ao espaço da família.¹⁷⁶ Para o movimento operário, a divisão sexual e etária da mão de obra podia ser jogada contra os interesses da classe, pois os patrões baixavam os salários e colocavam menores e mulheres (que recebiam menor salário) para ocupar o lugar de trabalhadores demitidos em época de crise. Portanto, é nesse sentido que as práticas operárias lutaram contra a manipulação empresarial de mulheres e crianças.¹⁷⁷

Voltando a questão do trabalho como disciplinador, embora o movimento operário tenha tratado a temática do trabalho infantil, há muitos depoimentos que indicam a conivência dos pais e mães trabalhadores sobre a proletarização dos seus filhos. Tanto para a necessidade de contribuição com a renda familiar quanto pelo argumento de “imaturidade” dos menores, portanto, da necessidade de disciplina adquirida pelo trabalho. Essa concepção está relacionada à ideia de vigilância sobre as crianças.¹⁷⁸ É importante trazer essas questões para este estudo, considerando que os Capitães da Areia estão inseridos em um momento em que, enquanto trabalhadores adultos, apesar da condição de explorado, podiam ainda recusar, individualmente, a aceitação de tal condição e contestá-la, crianças não podiam.¹⁷⁹

Cabe lembrar a discussão trazida no Capítulo II da presente pesquisa, em que citamos Walter Fraga Filho, o historiador mostra como no século XIX havia uma resistência às

¹⁷⁶ PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe operária brasileira.** Cultura e Identidade Operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Tradução. Rio de Janeiro: Ufrj/Marco Zero, 1987, pp. 76

¹⁷⁷ Ibidem, pp. 77

¹⁷⁸ Ibidem, pp. 82

¹⁷⁹ Ibidem, pp. 83

imposições dos mestres de ofício pelas crianças trabalhadoras, portanto, uma resistência que vem muito antes dos movimentos operários da década de 1930. Além disso, quando a lei muda a idade permitida para o trabalho de menores (14 anos), a duração desse trabalho fica a mesma para adultos e menores em 1932, o que, para adultos é uma vitória¹⁸⁰.

Durante o regime ditatorial do Estado Novo, trabalhadores experimentaram a repressão e a censura, apesar de terem conquistado mudanças importantes nas leis para o proletariado. Porém, Paoli destaca o aumento desmesurado da exploração e da suspensão do funcionamento dos direitos trabalhistas.¹⁸¹ As greves e movimentações operárias antes da década de 1930, pós 30 e pós Segunda Guerra Mundial não pensaram em revolucionar, reformar ou tomar o poder, mas tocaram no ponto essencial da experiência vivida de classe: “[...] tornaram visível e pública suas condições de trabalho e vida, fizeram circular as experiências reprimidas, ocuparam o espaço da produção, reatualizaram a reivindicação social negada pelos patrões e prometidas pelo Estado”¹⁸². Portanto, Jorge Amado também torna visível e pública a desigualdade social, sendo a literatura um importante meio de denúncia, porém, isso não é um pioneirismo do escritor, pois trabalhadores já faziam esse movimento ao partilharem experiências em comum.

O autor não deixa de pensar no trabalho como disciplinador, porém, ele não quer transformar as crianças apenas em trabalhadores, mas em trabalhadores com consciência de classe aliados à classe operária. O próprio contato com outras pessoas inseridas no mundo do trabalho aparece como fundamental para isso, além da educação defendida pelo doqueiro João de Adão, por exemplo. Nesse sentido, para responder se Jorge Amado é esse escritor que dá voz à classe popular, é necessário entender algumas questões que permitem tecer críticas a respeito da sua escrita. No artigo “O movimento operário brasileiro e as massas populares: massas obreiras/ revolucionárias ou massas ignorantes/inertes?” de Andréa R Sampaio Pereira, escrito em 1999, é feita uma análise sobre a influência da “psicologia de massas” sobre o movimento operário brasileiro entre 1917 e 1922, que demonstra como os movimentos de esquerda podem ter horizontes limitados quando incorporam ideias conservadoras e/ ou burguesas.

¹⁸⁰ PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe operária brasileira.** Cultura e Identidade Operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Tradução. Rio de Janeiro: Ufjf/ Marco Zero, 1987, pp. 84

¹⁸¹ Ibidem, pp. 91

¹⁸² Ibidem, pp. 97

A ambiguidade e contradições permeiam os sujeitos históricos e isso aparece no livro *Costumes em Comum* do historiador Edward P. Thompson, que já alertava para a ambiguidade entre os próprios trabalhadores: “A identidade social de muitos trabalhadores mostra também uma certa ambiguidade. É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde”¹⁸³. Essa ambiguidade, como já demonstrado, está nos personagens, que por vezes apelam para a noção de honestidade, apesar de romperem com ela, em certa medida, e com a lógica do trabalho honesto, como nesta cena em que Boa-Vida tenta roubar um objeto de ouro na sacristia e o padre José Pedro vê a tentativa de furto e pergunta: “Por que faz isso, meu filho?”. Boa-Vida responde: “— Tava só dando uma espiada, reverendo. É batuta. — repoz Boa Vida com certo receio. — É batuta mesmo. Mas não vá pensando que eu ia levar. Ia deixar aí direitinho. Sou de boa família.”. Ser de boa família é um recurso argumentativo de defesa desta personagem, estando baseado em discursos da própria elite brasileira sobre o que é ser um cidadão honesto.

O próprio escritor deve ser pensado de maneira complexa também, pois, apesar de defender que pessoas marginalizadas tenham voz e lutem contra a hierarquia de classe, ele também está inserido em um cenário em que: “A teoria conhecida como psicologia de massas foi um importante instrumento de exclusão social em poder da burguesia e baseava-se em dois argumentos básicos: a irracionalidade e a periculosidade das massas.”¹⁸⁴ No Brasil, essa teoria foi amplamente assimilada pela elite política e intelectual, o que culminou na repressão das classes populares, principalmente depois da primeira década do século XX¹⁸⁵.

Autores como Kazumi Munakata, Edgard De Decca e Ítalo Tronca mostram como, no Brasil, no início do século XX, as correntes do anarquismo e do anarco-sindicalismo foram submetidas ao silenciamento pelos próprios comunistas que propunham a centralização política, incluindo a formação de Partidos. Isso resulta na não aceitação de ideias de autogestão dos anarquistas.¹⁸⁶ Segundo esses autores, quando a proposta burguesa do Estado Novo é implantada, as tendências do anarquismo já haviam sido silenciadas pelo comunismo. Mas o que esse silenciamento nos diz sobre a escrita de Jorge Amado? No início do século XX, a

¹⁸³ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes Em Comum**: Estudo Sobre Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988, pp. 20

¹⁸⁴ PEREIRA, Andréa R. Sampaio. **O movimento operário brasileiro e as massas populares: massas obreiras/revolucionárias ou massas ignorantes/inertes?**. Rev. Sociol. Polit. [online]. 1999, n.13, pp.125-140. ISSN 0104-4478. <https://doi.org/10.1590/S0104-44781999000200010>, pp. 125

¹⁸⁵ Ibidem, pp. 126

¹⁸⁶ Ibidem, pp. 127

Imprensa operária procurava demonstrar que as multidões eram pacíficas, em contraposição à ideia burguesa de que elas expressavam periculosidade e irracionalidade¹⁸⁷. Porém, nesse período, a “inconsciência” das massas é uma realidade para parte significativa da militância do movimento operário¹⁸⁸. Pereira destaca a desqualificação das massas populares e a construção de um discurso que prega a “necessidade de liderança” para as mesmas, para que o processo revolucionário seja estruturado.¹⁹⁴

Porém, a desqualificação das massas populares estava caminhando lado a lado com a tentativa de provar que as mesmas são racionais e capazes de estruturar o movimento revolucionário, o que pode parecer um paradoxo. Entretanto, para Pereira, os militantes, na verdade, dirigiam suas críticas a grupos sociais bem definidos, delimitando quais indivíduos constituiriam as massas operárias. Para a militância, estas eram constituídas preferencialmente por trabalhadores comprometidos com alguma tendência política de esquerda, seja sindicalizado ou não, tendo potencial de transformar a sociedade, diferentemente das massas inconscientes. Nesse sentido, tem-se a crença de que a consciência não é inerente ao ser humano, devendo ser adquirida, na maioria das vezes, por meio da educação militante.¹⁸⁹

Assim, o próprio surgimento do estudante de faculdade no romance de Jorge Amado, aparece como uma forma de os Capitães da Areia adquirirem consciência de classe, e, portanto, se afastarem da vida de criminalidade. É como se o próprio Jorge Amado, como um intelectual, fornecesse a consciência de classe para as suas personagens e, conseqüentemente, para os seus próprios leitores. Como já argumentado, não se trata de qualquer consciência, mas aquela adquirida por meio do contato com o movimento operário. Dessa forma, a caracterização de Pedro Bala, de certa maneira, simplifica o personagem quando tentamos pensar nele como sujeito-criança, pois, apesar de ter sua complexidade e ser humanizado no livro, a maior função de Pedro no romance é de incorporar a vontade sindical de luta e de transformação.

É importante destacar alguns pontos argumentativos na crítica realizada por Ana Paula Palamarchuck, que mostra como Jorge Amado se apropria da noção, encontrada no PCB, de que é necessário que experiências externas aos sujeitos os encontrem para que seja possível que

¹⁸⁷ PEREIRA, Andréa R. Sampaio. **O movimento operário brasileiro e as massas populares: massas obreiras/revolucionárias ou massas ignorantes/inertes?**. Rev. Sociol. Polit. [online]. 1999, n.13, pp.125-140. ISSN 0104-4478. <https://doi.org/10.1590/S0104-44781999000200010>, pp. 128

¹⁸⁸ Ibidem, pp. 132

¹⁸⁹ Ibidem, pp. 138

aprendam a ter consciência de classe. Na visão do partido, a vanguarda da classe operária era aquela que possuía os segredos da libertação do povo, que se reúne em torno dos partidos comunistas.¹⁹⁰ Com relação ao aspecto da união na luta, é preciso entender que existe de fato uma opressão comum que une os Capitães da Areia, especialmente entre as crianças do grupo, assim como pode haver, no plano não-ficcional, laços de solidariedade entre grupos de crianças abandonadas. Porém, a introdução do trabalhador João de Adão, do estudante de faculdade, das experiências de Pedro Bala e da naturalidade com que o fato desta última personagem possuir vocação para a greve por ser filho de grevista, são aspectos que nos mostram os elementos externos para a consciência de classe das personagens da obra.

É importante destacar que, embora a noção vanguardista do PCB tenha sido construída em um processo que envolveu a incorporação da ideia da “psicologia das massas”, é necessário entender a importância para os trabalhadores. Quando o trabalhador se filiava ao PCB, ele teria motivos conscientes, pois os militantes comunistas envolviam-se com mais facilidade que os anarquistas em algumas reivindicações diretamente relacionadas à possibilidade de melhorias imediatas do cotidiano do trabalhador.¹⁹¹

Classe e raça em *Capitães da Areia*

Retornando a questão da liderança em Pedro Bala, é preciso pensar que Jorge Amado não escolhe por acaso o menino loiro filho de grevista e a filha de imigrante europeu (Dora) para serem o casal protagonista do enredo. A questão dos trabalhadores imigrantes levanta outro ponto: por muito tempo a história do movimento operário no Brasil e dos trabalhadores priorizou os operários imigrantes, desconsiderando o trabalho de escravos africanos por exemplo. Segundo o artigo “Classe e cor na formação do centro operário da Bahia (1890-1930)”, de Aldrin A. S. Castellucci:

¹⁹⁰ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)**. 2003. 383p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1594045>. Acesso em: 18 jul. 2022, pp. 193

¹⁹¹ PEREIRA, Andréa R. Sampaio. **O movimento operário brasileiro e as massas populares: massas obreiras/revolucionárias ou massas ignorantes/inertes?**. Rev. Sociol. Polit. [online]. 1999, n.13, pp.125-140. ISSN 0104-4478. <https://doi.org/10.1590/S0104-44781999000200010>, pp. 139

A historiografia da década de 1960 sobre escravidão e relações raciais construiu um modelo interpretativo que consagrou a ideia segundo a qual os negros e os mestiços foram excluídos do mercado de trabalho formal após a Abolição. A Lei de 13 de maio de 1888 teria sido acompanhada por um incremento da imigração estrangeira e de expansão cafeeira em direção ao oeste Paulista, bem como da urbanização e da industrialização dessa região.¹⁹²

Porém, Castellucci mostra que o processo de “transição do trabalho escravo para o livre” não ocorreu de forma linear e uniforme em todo o Brasil. É justamente na Bahia que esse processo merece atenção, onde os senhores de engenho fizeram uso extensivo da força de trabalho escrava até o último dia de vigência do escravismo¹⁹³. Em Salvador, a classe operária era fundamentalmente negra e mestiça, o que podemos perceber em vários trechos de *Capitães da Areia*, como este a respeito do momento em que os estivadores se dirigem para o grande armazém: “Ali iam passando homens brancos, mulatos, negros, muitos negros.”¹⁹⁴. Em seu estudo, Castellucci demonstra que nem toda a população negra e mestiça vivia ou fora atirada ao desemprego e à pobreza absoluta após a abolição. O autor pesquisa sobre o Centro Operário da Bahia, que tinha uma longa tradição associativa religiosa, mutualista, sindical e política, e era composta pelo setor mais qualificado, isto é, pelos artesãos e mestres de ofício, em sua maioria, pretos pardos e mestiços¹⁹⁵. O autor demonstra que “[...] a população negra-mestiça se organizou, produziu um rico e complexo associativismo e tomou em suas mãos a tarefa de fazer seu próprio destino, mesmo que nos limites impostos por duras circunstâncias históricas.”¹⁹⁶

Ao longo do romance, apesar de haver toda uma glorificação da maternidade no livro, como já demonstrado, ela não é a solução dada para a infância abandonada, pois, a desigualdade de classe para o autor é o que faz esses meninos e meninas estarem em condição de abandono, portanto, é o que impede, por exemplo, Sem Pernas, de ter uma mãe que o ame de verdade. Entretanto, não é possível analisar a problemática da infância abandonada apenas pela questão de classe, esta é fundamental, mas intersecta-se em outras questões, sendo que duas delas já foram aqui apresentadas: a infância e a questão de gênero. Todavia, é importante notar como a questão racial aparece na obra.

¹⁹² CASTELLUCCI, A. A. S. **Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930)**. Afro-Ásia, Salvador, n. 41, 2010. DOI: 10.9771/aa.v0i41.21199. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21199>. Acesso em: 18 jul. 2022, pp. 86

¹⁹³ Ibidem, pp. 88

¹⁹⁴ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 84

¹⁹⁵ Ibidem, pp.130

¹⁹⁶ CASTELLUCCI, A. A. S. **Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930)**. Afro-Ásia, Salvador, n. 41, 2010. DOI: 10.9771/aa.v0i41.21199. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21199>. Acesso em: 18 jul. 2022, pp. 40

Dora e Pedro Bala são crianças brancas e loiras, o que aponta para a existência do imigrante no mundo do trabalho. Claudio Batalha explica que, no início do século XX, um elemento de diferenciação entre os trabalhadores, e até de conflito, era a origem étnica dos trabalhadores. Os imigrantes europeus foram majoritários em São Paulo e em certas áreas industriais do sul do país. Batalha afirma que esses imigrantes compuseram o proletariado brasileiro e, em sua maioria, provinham de áreas rurais e não tinham experiência com o trabalho industrial, tampouco com a organização sindical¹⁹⁷, informação esta que desmitifica a figura do imigrante europeu que carrega a consciência e experiência operária. Entretanto, no enredo de *Capitães da Areia*, a figura do imigrante que traz o conhecimento da luta proletária ainda se faz presente, quando o autor escolhe o filho do Loiro, Pedro Bala, como o futuro líder grevista e a neta de italiano (Dora) como seu par romântico.

É imprescindível notar como a obra apresenta a relação entre negros, brancos e mestiços. Como já observado anteriormente, a própria forma como o autor diferencia as meninas negras e Dora nos revela a adultização da criança negra nesse período e os próprios personagens não estão isentos do racismo, como é possível perceber no seguinte trecho: “ — Padre, o senhor é um homem bom. — Teve vontade de dizer que o padre era bom como João Grande mas pensou que talvez o padre se ofendesse se ele o comparasse ao negro.”¹⁹⁸ Entretanto, Jorge Amado constrói relações entre suas personagens brancos e negros de maneira que a questão de classe se sobrepõe à questão racial. Entre os meninos dos Capitães da Areia, há negros, mestiços e brancos vivendo uma opressão em comum: a desigualdade de classe que os coloca em uma situação de infância abandonada, e, portanto, devido a imposições da realidade social que vivem, esses menores apresentam comportamentos criminosos. Os próprios Capitães da Areia enxergam o meio desigual como causa da criminalidade que vivem, entretanto, são personagens que não se limitam às imposições de um meio social, e que, portanto, resistem e criam laços de solidariedade entre si e com outras personagens do enredo. Porém, a opressão comum em relação à questão de classe não dá conta de explicar por inteiro a condição de menores nas décadas de 1920 e 1930.

A harmonia entre brancos e negros, presente na obra, já aparecia em vários livros e artigos publicados na década de 1930. Segundo George Reid Andrews, Gilberto Freyre foi

¹⁹⁷ BATALHA, Cláudio de M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pp. 13

¹⁹⁸ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 84

convincente no desenvolvimento do tema de um “Novo Mundo nos trópicos” do Brasil como uma terra não totalmente, mas quase, isenta de preconceito racial.¹⁹⁹ A Imprensa de 1930 nos mostra que publicações sobre Jorge Amado e *Capitães da Areia* aparecem na revista literária *Boletim de Ariel*, por exemplo, que também publicou artigos de Gilberto Freyre. Como já defendido anteriormente, Jorge Amado não pode ser pensado de maneira isolada e isso diz respeito também sobre como ele trata a questão racial. É necessário considerar que os estudos sobre raça no Brasil passaram por fases diferentes, segundo Luciana Murari, “No final do século XIX, as teorias raciais tornaram-se um elemento central no racionalismo europeu”²⁰⁰. Um grupo de intelectuais da chamada “geração de 30” utilizaram do racismo científico, ou racialismo, aliados ao nacionalismo, teorias essas que colocavam o negro como um fator de degradação da população brasileira, como a raça inferior²⁰¹. Em 1933, é publicado *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, este, diferentemente da geração de 1870, se afasta das teses de inferioridade racial e da defesa do branqueamento da população.

Jorge Amado, em certa medida, se distancia das teses de inferioridade racial em *Capitães da Areia* ao reconhecer a contribuição da cultura afro-brasileira no Brasil, como aparece no seguinte trecho:

Mas Don' Aninha bem que merecia que um corresse risco por ela. Quando tinha um doente ela trazia remédios feitos com folhas, tratava dele, muitas vezes curava. E quando aparecia um Capitão da Areia no seu terreiro ela o tratava como a um homem, como a um ógan, dava-lhe do melhor para comer, do melhor para beber.²⁰²

A mãe-de-santo Don' Aninha tem um papel importante como rede de apoio dos Capitães da Areia e Jorge Amado apresenta no romance os elementos cotidianos da sociedade baiana, que possuem grande influência na cultura afro-brasileira. Entretanto, o fato de o escritor entender a contribuição do negro na formação da sociedade não o impede de recorrer a estereótipos racistas e de dialogar com o mito da democracia racial reforçado no contexto de publicação do livro. Gilberto Freyre foi um dos intelectuais responsáveis por defender que existe uma “democracia racial” no Brasil, ideia posteriormente criticada por intelectuais. Ele

¹⁹⁹ ANDREWS, George Reid. Negros e brancos em São Paulo (1888-1988). Trad. Magda Lopes. Revisão técnica e apresentação de Maria Lígia Coelho Prado. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998. Resenha de: NUNES, Heliane Prudente. **História Revista**. Goiânia, v.4, n.1-2, p.133-136, jan./dez.1999, pp. 28

²⁰⁰ MURARI, Luciana. **A mestiçagem da alma**: literatura, crítica e ciência na construção do discurso racial no Brasil pós 1870. Itinerários (UNESP. Araraquara), Araraquara, v. 22 p.175-190, 2006, pp. 175

²⁰¹ Ibidem, pp. 175

²⁰² AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 99

suaviza e mistifica o passado colonial, elogiando a colonização portuguesa, dizendo que uma das características gerais da colonização portuguesa é a de que os portugueses foram formados em uma sociedade híbrida, portanto, possuíam como característica a miscibilidade, compensando as deficiências de volume humano quando vieram ao Brasil.²⁰³

Em 1964, Florestan Fernandes defende a tese intitulada *A integração do negro na sociedade de classes*, criticando Gilberto Freyre, Fernandes questiona a modernização, mostrando como o regime da escravidão não desapareceu por completo após a abolição da escravatura, como aparece no seguinte trecho de seu estudo:

Desse ângulo, percebe-se com facilidade como a degradação pela escravidão, a anomia social, a pauperização combinou-se entre si para engendrar um padrão de isolamento econômico e sociocultural do negro e do mulato que é aberrante em uma sociedade competitiva, aberta e democrática.²⁰⁴

É importante lembrar que Florestan Fernandes também é criticado pela historiografia, segundo Andrews, a obra de Fernandes constitui um esforço importante para refutar a ideia do Brasil como um país de igualdade racial.²⁰⁵ Entretanto, Andrews afirma que: “[...] sua dicotomia entre europeus modernos, progressistas, altamente especializados e muito esforçados, e afrobrasileiros alienados, irresponsáveis e sociopatas encontra pouco - se é que algum - apoio nas evidências disponíveis.”²⁰⁶ A própria pesquisa de Castelluci, apresentada anteriormente, refuta essa dicotomia defendida por Florestan Fernandes.

Portanto, é imprescindível pensar a caracterização da infância em *Capitães da Areia* sem considerar a questão racial. Crianças negras, mesmo que partilhem da situação de abandono com crianças brancas (como o que ocorre entre os Capitães da Areia), passam por experiências diferentes por estarem inseridas em uma sociedade racialmente desigual. Isso fica evidente quando olhamos para uma literatura que traz essa temática, como o livro *O olho mais azul*, da escritora norte-americana Toni Morrison, publicado em 1970. Chamo atenção em especial para o seguinte trecho do livro: “Se tivesse outra aparência, se fosse bonita, talvez Cholly fosse diferente, e a sra. Breedlove também. Talvez eles dissessem: “Ora, vejam que olhos bonitos os

²⁰³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global Editora, 2003, p. 70-71

²⁰⁴ FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na sociedade de classes*. (1º vol.) São Paulo: Globo, 2008, pp. 301

²⁰⁵ ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad. Magda Lopes. Revisão técnica e apresentação de Maria Lígia Coelho Prado. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998. Resenha de: NUNES, Heliane Prudente. *História Revista*. Goiânia, v.4, n.1-2, p.133-136, jan./dez.1999, pp. 119

²⁰⁶ *Ibidem*, pp. 119

da Pecola. Não devemos fazer coisas ruins na frente desses olhos bonitos.”²⁰⁷. O trecho refere-se ao fluxo de consciência de Pecola, uma criança negra que passa por um estupro durante a década de 1940, a história se passa nos Estados Unidos e mostra de maneira profunda como é ser uma criança negra numa sociedade racista.

Portanto, a maneira como Jorge Amado trata a infância em *Capitães da Areia* deve ser analisada, considerando questões de raça, classe, gênero e idade para que seja possível entender as escolhas em torno da caracterização da infância no livro. É necessário pensar nesse sentido para entender que, a forma como Jorge Amado trata a condição de criança abandonada perpassa pela forma como ele entende a sociedade de classes, o que está relacionado com a história dos movimentos grevistas no Brasil. O posicionamento do autor permite olhar os Capitães da Areia como grupo que passa por uma opressão em comum e ele denuncia uma realidade de opressão vivida por crianças do cotidiano baiano.

Portanto, ao utilizar a infância em seu livro, ele não só expõe a visão do PCB, mas também coloca sua concepção de solução para a infância abandonada de maneira diferente do próprio estado varguista. Jorge Amado aposta em transformar crianças em aliados da causa proletária de maneira que o próprio envolvimento desses sujeitos na luta é apresentado como transformador da condição de abandono e criminalidade de menores. Por esta razão, essa pesquisa inicia-se pensando na infância, e não diretamente na temática proletária do livro, pois, a obra *Capitães da Areia* não pode ser vista como um livro que foi pura e simplesmente incinerado por propagandar a causa comunista. Mas também, pela forma como seu escritor constrói suas personagens e como ela mexe com a concepção de infância que se tem no período. Portanto, é preciso pensar a infância como um recurso narrativo instrumentalizado pelo autor, mas também como tema que mobiliza reações do público leitor.

²⁰⁷ MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 56

Considerações Finais

Este trabalho trata-se de um exercício de análise da literatura como fonte histórica, sendo possível por em prática algumas das inúmeras formas de se analisar a obra *Capitães da Areia*. Escolher a temática da infância abandonada antes de pensar o romance proletário em si foi necessário para que seja possível elaborar perguntas que envolvam sujeitos-crianças, independentemente da intenção de Jorge Amado instrumentalizar a temática da infância a favor de uma causa. Entretanto, antes de adentrar a obra em si, foi necessário contextualizar o romance e o próprio autor, bem como a temática que inspira esse trabalho, a infância.

Este primeiro momento de entender o aspecto histórico da obra não termina nem no primeiro, tampouco no segundo capítulo. Essa tentativa inicial permitiu que perguntas fossem elaboradas para a fonte literária e que puderam ser respondidas adentrando a narrativa do romance em conjunto com a leitura de estudos que englobam classe, gênero, raça, trabalho e infância. Todavia, algo que chama a atenção é como as próprias personagens, quando pensadas como sujeitos-crianças, nos possibilitam perguntas que mobilizam as contradições presentes nos sujeitos históricos e que os complexifica. Dessa maneira, este trabalho monográfico possibilitou compreender a relação entre cotidiano e literatura, porém com cuidados essenciais.

Robert Darnton já alertava cuidados importantes em seu capítulo “Os esqueletos no armário: como os historiadores brincam de ser Deus”. Ao escrever sobre Jacques Pierre Brissot, Darnton mostra que a fonte também pode enganar o pesquisador, ao admitir que as fontes dos inimigos de Brissot podem tê-lo enganado, por exemplo²⁰⁸, bem como o fato de que ao escrever sobre um autor, é necessário começar com um pedido de desculpas, pois nunca conseguiremos ver o verdadeiro autor. O mesmo ocorre quando analisamos Jorge Amado, as opiniões de jornalistas (defensores ou não do escritor) aparecem no Capítulo I deste trabalho, mas não podem ser concluídos como verdade. Ademais, não pretendemos trazer o verdadeiro Jorge Amado, devido a limites que essa análise possui.

Meu objetivo foi o de levar em consideração que a escrita de Jorge Amado mostra a complexidade tanto de um escritor como sujeito histórico, quanto das suas personagens. A

²⁰⁸ DARNTON, Robert. **Os Dentes Falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 190

expectativa gerada ao analisar o autor como um militante comunista que denuncia uma realidade, luta contra a hierarquia de classe, performa harmonia racial entre suas personagens e constrói personagens femininas fortes não pode ser sobreposta ao fato de Amado ser um homem do seu tempo. É preciso, portanto, pensar na história da década de 1920 e 1930 para compreender o ir e vir das escolhas do autor na sua escrita. Bem como pensar as ideias que circulavam no período para entender as possíveis reações do público leitor, ou seja, como brechas no romance podem mudar a maneira como o leitor entende a obra, que vão além da intenção inicial do autor.

Portanto, é preciso entender o aspecto transformador de *Capitães da Areia* para além da intencionalidade do autor, mas como, pensando a questão principal desta pesquisa, leitores puderam imaginar ideias de família e de criança que são diferentes das defendidas no período de publicação do livro. Ou seja, como a literatura mostra possibilidades diferentes sobre a infância também, complexificando crianças de maneira que não sejam reduzidas ao estereótipo de pureza, por exemplo. Dessa maneira, *Capitães da Areia* deve ser visto como um meio de circulação de ideias sobre a infância, e não apenas sobre um novo regime de sociedade, como fica evidente no fechamento do livro.

É importante também pensar nos limites da própria pesquisa e nas possibilidades de novas perguntas para ela. O trabalho monográfico foi fundamental para o contato inicial da literatura como fonte histórica e para a abertura de possibilidades na sua articulação com a Imprensa como fonte. Todavia, perguntas novas surgem sobre a própria concepção de solução para a infância abandonada entre o círculo intelectual de Jorge Amado e quais eram os embates entre essas soluções dadas, conflito esse que foi possível perceber a existência a partir da análise da obra. Ademais, também é possível explorar ainda mais a temática da criminalidade infantil na própria Imprensa como fio de análise para uma futura pesquisa, pensando no potencial desta ao ser articulada com outros livros da década de 1930 que instrumentalizam personagens crianças.

FONTES:

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

A Batalha (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

A Capital –BA, 1920-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

A Nação (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

A Noite– RJ, 1930-1940. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

A Ordem (RN) – RN, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Anuário Brasileiro de Literatura (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Boletim de Ariel (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Correio da Manhã – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Diário Carioca (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Diário de Pernambuco (PE) – PE, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Dom Casmurro (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal do Brasil (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal do Commercio (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

O Combate (MA) – MA, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

O Dia (PR) – PR, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

O Estado (SC) – SC, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

O Imparcial (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

O Jornal (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Vamos Lêr (RJ) – RJ, 1930-1939. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad. Magda Lopes. Revisão técnica e apresentação de Maria Lígia Coelho Prado. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998. Resenha de: NUNES, Heliane Prudente. **História Revista**. Goiânia, v.4, n.1-2, p.133-136, jan./dez.1999.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BATALHA, Cláudio de M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: *A personagem de ficção*. 6 ed. São Paulo: perspectiva, 1999.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a vida social**. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASTELLUCCI, A. A. S. Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930). **Afro-Ásia**, Salvador, n. 41, 2010. DOI: 10.9771/aa.v0i41.21199. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21199>. Acesso em: 18 jul. 2022.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Trad. Elizabeth de Avelar Solano Martins. São Paulo: Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (orgs). Apresentação. In: **A História Contada: Capítulos da História Social da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

DARNTON, Robert. **Os Dentes Falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**, Paz e Terra, 1989.

FACHINETTI, Cristiana. Loucas ou modernas: mulheres em revista (1920-1940). **Cadernos Pagu**, 2019.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na sociedade de classes**. (1º vol.) São Paulo: Globo, 2008.

FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: Diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 31, nº 63, p. 826, janeiro-abril, 2018.

FRAGA FILHO, Walter. Mendigos, **Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora, 2003.

GAMA, Anne Micheline Souza. **Capitães de Salvador**: as representações do urbano e das relações sociais na obra Capitães da Areia de Jorge Amado. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

GAY, Peter. **Represálias selvagens**: realidade e ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. Tradução de Rousara Eichenberg, São Paulo: Companhia das Letras, 2010

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Combatendo a “arte de perverter” e ensinando a de “modelar espíritos”: lições de psicanálise para educadores (anos 1920/30). **Revista Teias**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 9 pgs., ago. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23886>>. Acesso em: 16 out. 2021.

MARIANO, Hélvio Alexandre. A constituinte de 1933/34 e o processo de construção das políticas de assistência à infância e o amparo à maternidade no Brasil. **Temas & Matizes**, Toledo, v. 8, n. 16, p. 115-140, segundo semestre de 2009. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/3937/3049>. Acesso em 04/08/2021.

MARIANO, Hélvio Alexandre. O processo de consolidação da assistência à infância e o amparo à maternidade no Brasil: entre o público e o particular (1927-1940). **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 13, n. 3, p. 697-713, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/WINDOW~1/AppData/Local/Temp/36726-Texto%20do%20artigo-163612-110-20170416.pdf. Acesso em 04/08/2021.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MURARI, Luciana. **A mestiçagem da alma**: literatura, crítica e ciência na construção do discurso racial no Brasil pós 1870. Itinerários (UNESP. Araraquara), Araraquara, v. 22 p.175190, 2006.

OSTOS, N.S.C. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagu** (39), julho-dezembro de 2012.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista...** escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997.

PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe operaria brasileira.** Cultura e Identidade Operaria: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Tradução. Rio de Janeiro: Ufrj/Marco Zero, 1987.

PEREIRA, Andréa R. Sampaio. **O movimento operário brasileiro e as massas populares: massas obreiras/revolucionárias ou massas ignorantes/inertes?.** Rev. Sociol. Polit. [online]. 1999, n.13, pp.125-140. ISSN 0104-4478.
<https://doi.org/10.1590/S010444781999000200010>.

PINHEIRO, Luciana de Araujo. **A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889).** 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

RIZZINI, Irma. **Pequenos trabalhadores do Brasil.** In: PRIORE, Mary Del. História das crianças no Brasil. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. ISBN 978-857541-311-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

SOIHET, R. **Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas.** In: Revista Estudos Feministas, Vol. 5, n. 1/97. Rio de Janeiro, 1997.

TERRA, Paulo Cruz. Racismo, trabalho e ociosidade no processo de abolição: o Brasil e o Império Português numa perspectiva global (1870-1888). **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2021, vol.41, n.88, pp.155-177. Epub 26-Nov-2021. ISSN 0102-0188.
<https://doi.org/10.1590/180693472021v41n88-09>

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes Em Comum: Estudo Sobre Cultura Popular Tradicional.** São Paulo: Companhia Das Letras, 1988

VIANNA, Adriana de Resende B. Internação e domesticidade: caminhos para a gestão da infância na primeira república. In: GONDRA, J. G. (org.). **História, Infância e Escolarização.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.